

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

SOFIA HELENA DE VASCONCELOS HORTA GRANJA

**AS TEIAS DA PALAVRA:**

**Análise das estratégias de desconstrução do discurso de nacionalidade  
na obra de José Eduardo Agualusa**

Juiz de Fora

2009

SOFIA HELENA DE VASCONCELOS HORTA GRANJA

**AS TEIAS DA PALAVRA:**

**Análise das estratégias de desconstrução do discurso de  
nacionalidade na obra de José Eduardo Agualusa**

**Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Letras: Estudos  
Literários da Faculdade de Letras da  
Universidade Federal de Juiz de Fora, para  
obtenção do Grau de Mestre em Letras –  
Estudos Literários.**

**Orientador: Prof. Dr. Edimilson de Almeida Pereira**

**Juiz de Fora**

**2009**

Granja, Sofia Helena de Vasconcelos Horta.

As teias da palavra: análise das estratégias de desconstrução do discurso de nacionalidade na obra de José Eduardo Agualusa / Sofia Helena de Vasconcelos Horta Granja. – 2009.  
82 f.

Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

1. Literatura africana. 2. Nação. 3. Memória. 4. Identidade. I. Título.

CDU 896

SOFIA HELENA DE VASCONCELOS HORTA GRANJA

**AS TEIAS DA PALAVRA:  
Análise das estratégias de desconstrução do discurso de nacionalidade  
na obra de José Eduardo Agualusa**

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal de Juiz de  
Fora como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre de Letras.

Aprovada em 24/09/2009

BANCA EXAMINADORA:



---

Prof. Dr. Edimilson de Almeida Pereira – UFJF – Presidente orientador  
CPF: 546.100.876-34



---

Prof. Dra. Maria Nazareth Soares Fonseca – PUC MG – Membro externo  
CPF: 007.175.506-30



---

Prof. Dr. Alexandre Faria – UFJF – Membro interno  
CPF: 905.175.127-34

---

Prof. Dra. Íris Maria da Costa Amâncio – UFF – Suplente externo  
CPF: 546.206.006-87

---

Prof. Dr. Gilvan Procópio Ribeiro – UFJF – Suplente interno  
CPF: 117.721.826-72

A meu marido e meus filhos, razão de tudo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço àqueles que precisaram esperar pela minha atenção, especialmente meu caçulinha Rodolfo;

Ao meu marido por ter assumido muitas vezes o papel de mãe e pelo habitual estímulo às minhas conquistas.

Aos meus pais que já não estão entre nós, mas cuja memória ampara e incentiva.

Ao meu orientador Prof. Edimilson de Almeida Pereira pela referência que se tornou e principalmente pela compreensão e apoio.

“O destino das grandes verdades é este:  
começam como heresias e acabam como superstições.”

*Thomas Huxley*

## RESUMO

O presente trabalho pretende oferecer uma contribuição aos estudos da obra de José Eduardo Agualusa, em particular, bem como do mapa de diversidades em estado de tensão que caracterizam a cena social de Angola, na contemporaneidade. Para atingir o objetivo proposto, levaremos em conta as relações entre literatura e sociedade, tratando o autor como um articulador desse diálogo que, entre outros aspectos, relativiza a hierarquização dessa relação. Serão abordados os temas que atravessam com destaque a sua obra, como memória, identidade cultural e nacionalismo, elegendo o romance *O vendedor de passados* para uma análise mais detalhada, mas passando pelos demais romances produzidos pelo autor até o momento, evidenciando a correlação entre temas e idéias. A história de Angola, na medida do possível, servirá de suporte para a compreensão da sociedade que Agualusa nos apresenta, mas a análise priorizará suportes decorrentes dos estudos culturais, tendo como referência autores como Anderson, Halbwachs, Hall, Hobsbawn, Le Goff, Pollack, e dos estudos literários como Eliana L. de Lima Reis, Fernando Mourão, Inocência da Mata, Laura Cavalcante Padilha, Manuel Ferreira. Com esse tecido crítico, por certo aberto e relativo, pretende-se, mais do que afirmar noções de valor na obra de José Eduardo Agualusa, evidenciar as oscilações que constituem o aspecto relevante e perturbador desta obra, caracterizada, entre outros aspectos, pelo questionamento das fronteiras estabelecidas e dos valores afirmados como universais. A análise não pretende esgotar um tema proposto a partir da obra de Agualusa, mas pretende, sobretudo, fornecer subsídios para uma recepção mais abrangente da obra do autor.

Palavras-chave: Literatura angolana. Nação. Memória. Identidade.

## ABSTRACT

The purpose of this research is to contribute to the studies about the literary work of José Eduardo Agualusa, in particular, as well as about the wide range of conflicting realities that characterize the social fabric of Angola at present. To achieve the proposed objective, we will take into account the relationship between literature and society, considering the author as a spokesman of that dialogue, which, among other aspects, questions whether it is society that influences literature or literature that influences society. We will touch on the themes that stand out throughout his work, such as memory, cultural identity and nationalism, selecting his novel *O Vendedor de passados (The Salesman of Times Past)* for a more detailed analysis, but taking a look at the author's other novels, emphasizing the correlation between themes and ideas. As much as possible, the history of Angola will be used as support for the understanding of the society that Agualusa depicts, but the analysis will favor support from cultural studies, using as reference such authors as Anderson, Halbwachs, Hall, Hobsbawn, Le Goff, Pollack, and from literary studies by such critics as Eliana L. de Lima Reis, Fernando Mourão, Inocência da Mata, Laura Cavalcante Padilha, Manuel Ferreira. Against this background, obviously open and relative, we intend to - more than affirm notions of value in the work of José Eduardo Agualusa - highlight the contrasts that make up the relevant and disturbing facet of his work, characterized, among other aspects, by the calling in question of well-established boundaries and universally accepted values. The analysis is not designed to exhaust the proposed theme by examining the work of Agualusa, but intends, above all, to provide the elements towards a broader acceptance of the author's work.

Keywords: Angolan literature. Nation. Memory. Identity.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 ABRINDO CAMINHOS</b> .....	19
<b>2.1 Parâmetros metodológicos</b> .....	19
<b>2.2 Um autor com muitos retratos</b> .....	21
<b>2.3 O Vendedor de Passados, um romance de provocações</b> .....	27
<b>3 CAMINHOS CRUZADOS</b> .....	36
<b>3.1 A invenção da memória</b> .....	36
<b>3.2 A invenção das identidades</b> .....	46
<b>3.3 O discurso da nação e a construção da identidade nacional</b> .....	55
<b>4 CAMINHOS PARALELOS</b> .....	64
<b>4.1 Processos de fragmentação e de dispersão do sujeito na Angola contemporânea</b> .....	64
<b>4.2 A ironia como força motriz da narrativa</b> .....	70
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	76
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	80

## 1 INTRODUÇÃO

A obra de José Eduardo Agualusa estabelece um permanente diálogo com a história de Angola, fato que justifica retomá-la, ao menos em linhas gerais, de forma a desenhar as paisagens histórico-sociais que servem de moldura ao estudo proposto nesta dissertação.

A grande maioria dos cerca de 14 milhões de habitantes<sup>1</sup> de Angola é descendente dos Bantu<sup>2</sup>, povos que habitavam a selva equatorial há cerca de três ou quatro mil anos atrás. Uma forte explosão demográfica, favorecida pela cultura da banana e do inhame, alimentos altamente nutritivos e de cultura rápida, apoiada pelo domínio do ferro, abundante em todo o solo africano, que possibilitou a manufatura de instrumentos úteis à defesa e ao cultivo, fez com que este grupo iniciasse um enorme movimento migratório – que, no dizer de Alberto da Costa e Silva, “deve ter se processado, como indica o pequeno grau de diferenciações lingüísticas, de maneira rápida” (SILVA, 1992, p. 187) – que perdurou até o século XIX.

Em direção ao sul e ao leste da África, os bantu, organizados, armados e bem alimentados, venceram e escravizaram os pigmeus e os boschimanos<sup>3</sup>. Os cerca de 500 povos a que deram origem as migrações bantu possuem diferenças que os distinguem, mas também muitas semelhanças e afinidades culturais, resultantes da origem comum. Na palavra *bantu*, o seu radical *ntu* significa homem, ser humano. *Ba* é indicativo de plural. Assim, *bantu* significa homens, seres humanos. O conhecimento técnico dos bantu em metalurgia, agricultura e cerâmica possibilitou sua fixação em comunidades agrícolas e, a partir do século XII, podemos falar em uma estruturação dos grupos étnicos e em formação de reinos autônomos. Estes reinos surgem da efetivação de um poder centralizado num chefe de linhagem, um Mani, que ganhou o respeito da comunidade com seu prestígio e poder econômico. O reino do Congo, formado por volta de 1400, tinha autoridade sobre a maior parte do norte do território que hoje é ocupado por Angola. Mais ao sul, o reino do Ndongo era habitado pelos Kimbundos e seu rei tinha o título de Ngola, de onde vem o nome Angola.

Os portugueses chegaram à foz do rio Zaire, no extremo norte de Angola, em 1482, onde estabeleceram relações comerciais com o governador local do reino do Congo, que incluíam o comércio de escravos. O reino de Ngola, entretanto, resistiu à presença dos colonizadores durante mais algumas décadas, graças à habilidade política da rainha Njinga

---

<sup>1</sup>O último censo realizado em Angola data de 1970 e as estimativas disponíveis para a atualidade variam de 11 a 17 milhões de habitantes, sendo a de 14 milhões a encontrada no site da Embaixada de Angola na Grécia, [www.angolanembassy.gr](http://www.angolanembassy.gr)

<sup>2</sup> <http://www.consuladodeangola.org> e <http://www.netangola.com>

<sup>3</sup> [http://www.sonangol.co.ao/corp/angolaHistory\\_pt.shtml](http://www.sonangol.co.ao/corp/angolaHistory_pt.shtml)

Mbandi. Já os reinos de Matamba e Kassange conseguiram manter a sua independência até o século XIX. As disputas por terras africanas envolviam países mais poderosos que Portugal, como a França, a Inglaterra e a Alemanha, o que tornava urgente a ocupação do território. No entanto, até a Conferência de Berlim, acordo internacional que em 1855 promoveu a divisão da África entre os países europeus hegemônicos, Portugal ocupava apenas uma pequena parcela do litoral de Angola. Somente a partir desse pacto se inicia uma efetiva ocupação do território que coube a Portugal e, com ela, a difusão da cultura européia pelo interior de Angola. O acordo, que definiu limites e fronteiras que atendiam aos interesses econômicos europeus, não levou em conta as necessidades, as afinidades e as diversidades verificáveis entre os povos que essas fronteiras reuniram.

Realizada entre 15 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885, a Conferência de Berlim teve como objetivo organizar, na forma de regras, a ocupação da África pelas potências coloniais e resultou numa divisão que não respeitou nem a história, nem as relações étnicas e mesmo familiares dos povos do continente. De modo particular, ao tomarmos Angola como referência, notamos que os diversos grupos étnicos que constituem a nação angolana não se uniram segundo um pacto de interesses próprios e sim forçadamente, através de um tratado do qual não participaram e cujas conseqüências se perpetuam, já que ao reunir dentro das novas fronteiras grupos amigos e inimigos, o tratado provocou divisões internas que ainda não foram totalmente superadas.

Das informações acima, podemos concluir que o espaço africano que hoje conhecemos como Angola abrigava, antes da chegada do colonizador, diversos povos que viviam de acordo com seus costumes, crenças e tradições, detentores de seu próprio discurso, representativo de sua organização social, de sua forma de produção, sua cultura e, conseqüentemente, de uma literatura própria, resultado de um processo histórico-social que vai sofrer profundas alterações a partir da colonização, já que a presença efetiva do colonizador difunde a cultura européia em Angola e com ela, os modelos europeus de literatura.

O romance, gênero literário com que iremos trabalhar, é o mais recente da literatura angolana e foi introduzido com a implantação do sistema colonial. Um conjunto de textos motivados por uma “missão civilizadora” foi chamado de literatura ultramarina, designação que na década de 60 foi substituída pela de literatura colonial. O documento que regulamentava os concursos de literatura colonial, a Portaria 6119 de 1926, evidencia a estratégia política do governo português que motivava o projeto cultural:

[...] será sempre preferida a literatura na forma de romance, novela, narrativa, relato de aventura, etc., que melhor faça a propaganda do Império português de além mar, melhor contribua para despertar, sobretudo na mocidade, o gosto pelas causas coloniais.<sup>4</sup>

No entanto, a determinação não impediu que, ao contrário, a literatura de “além mar” se tornasse veículo de resistência às “causas coloniais” e instrumento de luta pela causa angolana. O crítico Manuel Ferreira, em “O Discurso no Percurso Africano I” (FERREIRA, 1989, p. 33) propõe quatro momentos decisivos que representam a formação e a transformação das literaturas africanas de língua portuguesa: no Momento primeiro, “o escritor africano encontra-se em estado quase absoluto de alienação, incapaz de se libertar dos modelos europeus”; no Momento segundo, “apesar de um determinado grau de alienação [...], o discurso acusa já alguma influência do meio social, geográfico e cultural em que estão inseridos e a enunciação vive já dos primeiros sinais de sentimento nacional”; no Momento terceiro, “O escritor após ter adquirido a consciência de sua condição de colonizado, liberta-se completamente da alienação e a sua prática literária cria sua razão de ser na expressão das raízes profundas da realidade social e nacional, entendida dialeticamente”; no Momento quarto, “com a independência é de todo eliminada a dependência dos escritores africanos e reconstituída a sua plena individualidade”.

Considerando-se esta proposta para a Literatura Angolana, não é difícil verificar a existência dos quatro momentos embora, seja interessante ressaltar, a prática literária nem sempre se articule de maneira tão estanque. As análises de Manuel Ferreira, portanto, constituem um modo crítico para medirmos a temperatura desse efervescente processo de formação, desenvolvimento e autonomização da Literatura Angolana, em diferentes períodos da história do país. Após o período em que as obras angolanas em nada diferem dos modelos europeus do colonizador, já no final dos anos 40, as tradições locais surgem na literatura: revivem-se mitos, rituais, costumes, revelando os primeiros sinais de sentimento nacional. Com a consciência da condição de colonizado inicia-se um período de resistência à cultura européia, de denúncia das barbáries da colonização e de visita ao tempo pré-colonial em busca de uma identidade nacional.

A luta pela independência de Angola nasce da conscientização de uma burguesia intelectual formada principalmente por colonos, seus descendentes e colonizados assimilados

---

<sup>4</sup> “Para uma breve história da ficção narrativa em Angola nos últimos 50 anos” (KANDJIMBO)  
Fonte: [http://www.nexus.ao/kandjimbo/breve\\_historia.htm](http://www.nexus.ao/kandjimbo/breve_historia.htm)

(aqueles que satisfaziam determinadas exigências da administração colonial para assim o serem considerados, entre elas a de dominar a língua portuguesa e adquirir costumes europeus). A precariedade do ensino superior em Angola obrigava os estudantes a irem completar seus estudos na metrópole, hospedando-se na Casa dos Estudantes do Império, que abrigava também estudantes vindos das demais colônias portuguesas. Em princípio, a instituição criada para dar suporte aos estudantes das colônias pretendia também manter sob vigilância as suas atividades, mas a sua concentração, em contato com os ideais nacionalistas europeus, acabou favorecendo o florescimento dos movimentos nacionalistas angolanos. Segundo Manuel Ferreira,

Sendo o colonialismo um sistema carregado de contradições, os germes de sua própria destruição emergem em diversas circunstâncias e a vários níveis. [...] Inclusive a repressão violenta das forças coloniais vai espreitar as consciências, criar a animosidade e, a pouco e pouco, vai-se instaurando a idéia da necessidade de uma forte actividade literária paralelamente à organização política já em marcha. E quanto mais avançada é a organização política mais decididamente os escritores superam a sua condição de colonizados e se impõem através da produção de textos de raiz nacional e empenhamento numa luta comum. (FERREIRA, 1989, p. 31-32)

Assim, a literatura torna-se um instrumento de luta pela causa angolana, assumindo “as características de uma literatura de resistência e de combate”. (FERREIRA, 1989, p. 32). A fase de conscientização do sujeito angolano e de esboço do ideário de autonomia política em relação à metrópole fez-se presente na chamada “Geração de 50” onde encontramos entre os escritores, os fundadores do MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola, como o poeta (e futuro presidente) Agostinho Neto e na “Geração de 60”, que reuniu autores como Manuel dos Santos Lima, Luandino Vieira, Arnaldo Santos, Pepetela, Manuel Rui e Uanhenga Xitu. Da geração de 70, que pode ainda ser considerada um prolongamento da anterior, destacamos Boaventura Cardoso. O compromisso político com a causa do nacionalismo resultou no exílio e prisão de vários autores. A literatura refletia os ideais nacionalistas e, a serviço do projeto de construção da Nação angolana, trabalhava no sentido de afirmar a identidade nacional, re-valorizando os heróis do passado anterior à colonização e introduzindo os heróis da construção da nação, em contraposição aos que o colonialismo determinava.

A afirmação de uma identidade angolana impunha a descolonização da cultura e a busca pelos elementos culturais essencialmente africanos. A língua portuguesa, herança do colonizador, tornou-se veículo de divulgação e disseminação dos ideais nacionalistas, não

apenas por ser a única língua angolana que possuía uma versão escrita, mas por ser a que podia proporcionar maior alcance entre a população bilíngüe de Angola e atingir outras nações lusófonas, reafirmando a criação shakespeariana da relação entre Próspero, o colonizador, e Caliban, o colonizado. Após a apropriação, a língua portuguesa falada e pensada em Angola foi se revestindo de características próprias, se tornando angolana para atender à visão de mundo de seus falantes. Manuel Ferreira esclarece acerca da “Contextualização da língua portuguesa” que a mesma “de instrumento de opressão transita a instrumento libertador” e que “vai autonomizar-se e autonomizando-se ela tem por apetência, de refletir o modo e o pensar de cada nação”. (FERREIRA, 1989, p. 316)

Os autores das décadas anteriores à independência, ocorrida em 1975, confundem-se com os próprios heróis da luta pela libertação de Angola. Não foram apenas observadores de um período revolucionário, mas os personagens da história real por eles ficcionalizada. Participaram ativamente do projeto de criação da Nação Angolana desde as origens da luta armada, quando ainda eram jovens estudantes, viveram o triunfo da independência e foram, já na maturidade, atingidos pelo fracasso desse projeto. Do sonho não realizado não restou apenas o desencanto, mas também o desejo de retomá-lo. Em entrevista concedida a Inocência Mata, em 1999, Pepetela reafirma: “Tenho uma grande preocupação com alguns assuntos, que são temas obsessivamente tratados na minha obra. Um desses assuntos é o da construção da Nação, a idéia de Nação. Há toda uma problemática à volta do Estado-nação”. Em “O Sonho de Kianda” (PEPETELA, 1995), o autor reafirma um sentimento coletivo de desejo de reconstruir a Nação a partir da realidade humana e histórica africana de Angola, abandonando os modelos políticos e ideológicos importados. A queda progressiva dos edifícios de Kinaxixi que tinham sido construídos sobre a lagoa da sereia Kianda, espírito dos antepassados, permitindo o regresso das águas, representa uma metáfora da recuperação do sonho.

A independência era uma exigência dos angolanos, mas foi também resultado de pressões externas. Quando, em abril de 1974, a Revolução dos Cravos pôs fim ao regime fascista português, que prolongava a ocupação das colônias, tornou-se possível o processo de negociação das respectivas independências. Um acordo entre o governo português e os líderes dos movimentos nacionalistas, em janeiro de 1975, previa um governo de transição pluripartidário, mas o MPLA, que controlava a região de Luanda, capital de Angola, representado por seu presidente e líder do movimento, Agostinho Neto, acabou proclamando unilateralmente a República Popular de Angola em novembro de 1975. A outra facção, a UNITA, à qual se juntou a FNLA, não aceitou o novo governo e a jovem república inicia sua história com uma longa e sangrenta disputa pelo poder. A oposição da UNITA se concentra

na acusação de que o MPLA não representa a população autóctone de Angola, mas apenas a elite sediada em Luanda, que procura impor seus valores crioulos ao todo nacional.

Em face dessas circunstâncias políticas, faz-se necessário esclarecer que a luta anticolonial encontrava-se dividida entre três grupos que refletiam diferenças étnicas e ideológicas: o MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola, multirracial e marxista, com predomínio da etnia Kimbundo; a FNLA, Frente Nacional de Libertação de Angola, anti-comunista, com base na etnia Bacongo, da região norte de Angola; e a UNITA, União Nacional para a Independência Total de Angola, com forte presença da etnia Ovimbundo, da região centro e sul, inicialmente de orientação maoísta, que se torna anti-comunista.

Se as nações hegemônicas do século XIX definiram as fronteiras de Angola, as do século XX colaboraram para a sua re-divisão interna. O conflito político-ideológico, que teve início após o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, entre os Estados Unidos da América, defensores do capitalismo, e a União Soviética, defensora do socialismo, perdurou até a extinção da URSS em 1991. Durante esse período, a que se chamou de Guerra Fria, as duas superpotências mundiais, que tinham como meta a difusão de seus sistemas políticos e econômicos, polarizaram o mundo em dois blocos, Socialista e Capitalista. Em Angola, esta polarização faz-se sentir no apoio estrangeiro a cada movimento: o MPLA recebia auxílio soviético e cubano, a UNITA era apoiada pelos EUA, França e África do Sul e a FNLA, pelos EUA e República Democrática do Congo (ex-Zaire). Ao final dos anos 70 a FNLA dissolve-se, mas a UNITA mantém-se na guerra com o apoio dos EUA e África do Sul.

A luta anticolonial tinha como principal palco o espaço rural, onde se enfrentavam o exército português e os movimentos de libertação. Com o fim da luta anticolonial e o início da disputa pelo poder entre os movimentos, a guerra alcançou o espaço urbano, provocando enorme evasão da população (na maioria colonos, seus descendentes e colonizados assimilados) para Portugal, Brasil e outros países. Com isso, Angola perdeu parte expressiva da mão-de-obra qualificada, bem como uma parcela considerável da sua elite intelectual, o que acentuou os problemas econômicos e sociais do país. A população rural, de modo geral, não teve a oportunidade de deixar Angola para escapar à guerra fratricida e migrou para as cidades. Financiada pelas grandes potências, cujos interesses iam além da difusão de suas ideologias e incluíam as riquezas minerais do solo angolano, tais como diamantes e petróleo, a guerra civil teve consequências devastadoras. Acirraram-se diferenças e divergências entre grupos étnicos, acentuaram-se os deslocamentos e a dispersão desses grupos provocando um aumento das populações dos “musseques” (bairros pobres das periferias das cidades),

realizaram-se toda a sorte de violências, execuções sumárias, e a fome e a miséria espalharam-se pelo território angolano.

Um das heranças trágicas dessa guerra interna é a permanência de um grande número de minas terrestres sob solo angolano, provocando mutilações até os dias de hoje e inviabilizando a agricultura. Em 1993, a ONU divulgou que existiam cerca de um milhão e meio de angolanos na iminência de morte por inanição além dos cerca de mil mortos diários em confrontos armados. Naquele ano, os EUA reconheceram o governo do MPLA e retiraram o apoio à UNITA, decisão que parece mais ligada à neutralização da ameaça socialista que representou a extinção da União Soviética em 1991 do que aos estragos humanos provocados pela guerra. Os ressentimentos gerados pela guerra fratricida não cessaram com a retirada do apoio estrangeiro e os conflitos se estenderam até 2002, quando Jonas Savimbi, líder da UNITA, foi morto pelas Forças Armadas Angolanas. Com a oposição dominada, a paz encontra espaço, o país começa a crescer, mas em muitos lugares os conflitos mantêm-se latentes e ainda produzem vítimas.

Além dos conflitos entre os movimentos, a população angolana sofreu ainda com o desenrolar de conflitos internos no MPLA. Divergências, que já existiam mesmo antes da independência, resultaram em episódios como o conhecido por “O 27 de maio de 1977”<sup>5</sup>, data em que Nito Alves, ex-Ministro do Interior do governo de Agostinho Neto, teria liderado uma manifestação popular para cobrar do Presidente uma posição contra o suposto rumo de influência maoísta que o MPLA estava seguindo e reivindicar um retorno à orientação marxista-leninista, conforme os estatutos do partido. Para os “netistas”, ou seja, na versão oficial do governo de Agostinho Neto, o evento foi uma tentativa de golpe de estado, para os “nitistas”, o golpe já estava sendo preparado pela ala “maoísta” do partido e o movimento seria um contra-golpe. Golpe ou contra-golpe, fato é que a reação do governo, que contou com a colaboração do exército cubano, foi extremamente violenta. A frase de Agostinho Neto em pronunciamento após o evento tornou-se célebre: “não haverá contemplações e não vamos perder tempo com julgamentos”<sup>6</sup>.

Os líderes do 27 de maio foram capturados e fuzilados e, de 1977 a 1979, milhares de pessoas acusadas de “fraccionistas” foram perseguidas, detidas, torturadas e executadas. Dependendo das fontes, os números dos desaparecidos variam de 4.000 a 80.000, este último baseado no total de militantes do MPLA que foram desligados do partido à época. A maioria

<sup>5</sup> <http://tv1.rtp.pt/noticias/?article=137179&visual=3&layout=10>  
[http://www.ipri.pt/publicacoes/7revista\\_ri/pdf/Lpawson\\_Eng.pdf](http://www.ipri.pt/publicacoes/7revista_ri/pdf/Lpawson_Eng.pdf)

<sup>6</sup> Jornal de Notícias - <http://jn.sapo.pt>  
<http://estradaopoeirenta.blogspot.com/2007/11/cubanos-em-angola-para-uma-purga.html>

fica com um número intermediário de 40.000 vítimas. Uma associação das vítimas e familiares do “27 de maio”<sup>7</sup> cobra do governo a emissão de certidões de óbito e a localização dos restos mortais, bem como uma investigação séria que traga luz aos acontecimentos citados. Em 1979, Agostinho Neto que governava desde 1975, morreu após uma cirurgia em Moscou. A possibilidade de ter sido assassinado pelos russos, por pretender iniciar uma aproximação com a UNITA, o que não atenderia aos interesses soviéticos, tratada durante mais de 20 anos como boato sem qualquer fundamento, hoje já é considerada. Sua filha, a médica Irene Neto, que exerce o cargo de vice-Ministra das Relações Exteriores, admitiu publicamente, em entrevista<sup>8</sup> a uma estação de rádio de Luanda em 2007, a possibilidade de o líder angolano ter falecido em consequência de envenenamento.

Dos episódios acima citados é possível depreender que muitas lacunas na História de Angola, principalmente a partir da independência, carecem de ser preenchidas. Durante muito tempo a literatura considerada subversiva pela estrutura colonial assumiu o papel de reveladora das lacunas deixadas pela história oficial do colonialismo. Após o fim do imperialismo português, muitas dessas lacunas puderam ser preenchidas, mas com a instalação de um regime autoritário em Angola após a independência, novas lacunas se abrem para que a literatura provoque a discussão sobre elas.

É importante lembrar que Agostinho Neto possui uma história de luta anticolonialista. Também ele passou pela Casa dos Estudantes do Império, enquanto cursava medicina em Portugal, na sua juventude. Além de médico, Agostinho Neto dedicou-se à poesia, onde pôde expressar seus anseios de igualdade, justiça e libertação para Angola, tendo sofrido as consequências por sua posição revolucionária.

Em “Adeus à hora da largada”, poema que faz parte do livro *Sagrada Esperança*, já se aproximando a independência, assume uma posição messiânica: “Eu já não espero, sou aquele por quem se espera.” (NETO, 1974) No entanto, apesar dos sonhos e sacrifícios de tantos, a Nação criada não correspondeu à Nação sonhada. Da elite colonialista, o poder acabou passando para uma elite angolana que, governando uma imensa população miserável, se revelou tão capacitada para perpetuar a exploração, a violência, as injustiças e as desigualdades, quanto a anterior. Pepetela, militante do MPLA desde 1963 e vice-Ministro da Educação do governo de Agostinho Neto, em “A geração da utopia”, traça a biografia da geração que sonhou construir a nação angolana, com um só povo unido contra o inimigo comum, o colonizador, e manifesta seu desencanto:

---

<sup>7</sup> <http://27maio.com/>

<sup>8</sup> [http://pagina-um.blogspot.com/2007\\_10\\_07\\_archive.html](http://pagina-um.blogspot.com/2007_10_07_archive.html)

Isso da Utopia é verdade. Costumo pensar, diz Aníbal, que a nossa geração se devia chamar da Utopia. [...] Pensávamos que íamos conseguir construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o Paraíso dos cristãos, em suma. [...] E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas perceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. [...] A Utopia morreu. (PEPETELA, 1992, p. 202)

Após a morte de Agostinho Neto, José Eduardo dos Santos, também do MPLA, foi conduzido à presidência e governa Angola há quase trinta anos, sem nunca ter sido realmente eleito. Em 1988, um acordo entre Angola, Cuba e África do Sul define a retirada cubana da região. O governo do MPLA e a guerrilha da UNITA assinam um acordo de paz e convocam eleições, realizadas em setembro de 1992. José Eduardo dos Santos vence no primeiro turno, mas Jonas Savimbi<sup>9</sup> o acusa de fraudar o resultado e o segundo turno nem chega a acontecer porque a guerra recomeça. Os EUA reconhecem o governo do MPLA e retiram o apoio à UNITA, o que enfraquece o movimento. Com o colapso do bloco soviético do qual recebia apoio, o atual presidente acabou transformando o governo de modelo socialista e de partido único em um governo ainda autoritário, ou seja, de liberdade limitada (principalmente a de expressão), mas pluripartidário. As críticas mais suaves ao seu governo vão desde a vida luxuosa de seus membros em oposição à miséria da população em geral, à corrupção e à lentidão nas reformas democráticas.

No intuito de demonstrar a importância da literatura dentro do painel histórico-social apresentado, tomaremos como referência a obra de José Eduardo Agualusa, que se insere nesse cenário com uma escrita de tensões (por exemplo, entre passado e presente, colonial e pós-colonial, angolano e africano, nacional e estrangeiro, etc.), ou dito de outro modo, como uma escrita que se realiza a partir das situações de conflito, seja no plano estético (no qual se analisa a importância do romance como suporte de experiências de linguagem e, também, de afirmação de identidades), seja no plano ideológico (no qual se coloca em xeque as promessas e utopias geradas no seio dos processos de independência das ex-colônias portuguesas em África). Nesse quadro de possibilidades, a condição pós-colonial da cultura e da narrativa, em Angola, surge, em síntese, como a recusa das instituições e significações do colonialismo por parte dos que saíram desse regime. Condição que operou novas configurações no sistema literário dos países africanos, caracterizando-se principalmente pela emergência de uma elite intelectual, pela maneira como o escritor africano trabalha e se posiciona na língua portuguesa

---

<sup>9</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=HPnwAGPXIag>

e pela necessidade de repensar a identidade nacional a partir do dialogismo entre o período colonial e o pós-colonial, entre a cultura europeia e a tradição africana. A literatura pós-colonial africana está muito ligada ao engajamento político em prol do projeto de construção da nação, de sua independência e de sua autonomia. Na medida em que o conceito não abrange as provocações da obra de Agualusa, não vimos necessidade de nos debruçarmos sobre o mesmo. Isto porque, de fato, em contraponto à identidade angolana que se afirma nas diferenças com a cultura do colonizador europeu, Agualusa apresenta identidades fragmentadas, construídas na relação entre culturas diversas, entre elas a do colonizador. Ao modelo dos heróis nacionais da literatura pós-colonial, contrapõe percursos individuais. Seus personagens, em lugar da afirmação de uma identidade nacional, de uma “angolanidade” unitária, revelam múltiplas identidades que evidenciam a existência de uma pluralidade que persiste na colonização e ainda na descolonização.

Após a independência, Angola continuou a ser constituída por diferenças, apesar dos grupos étnicos autóctones constituírem 99% da sua população. Além disso, a utopia da Nação a ser construída no período pós-colonial é afetada de modo muito rápido pela fragmentação que atinge as sociedades contemporâneas. Assim como a obra de Agualusa, este trabalho aborda o discurso da diferença que coloca em xeque a unidade da Nação. As reflexões do presente estudo se centrarão em *O vendedor de passados* (AGUALUSA, 2004), mas a análise perpassará outras obras do autor, mostrando a correlação entre temas e idéias que, de certo modo, nos permitem visualizar uma paisagem ficcional articulada segundo as referências estéticas e culturais de José Eduardo Agualusa.

## 2 ABRINDO CAMINHOS

### 2.1 Parâmetros metodológicos

A análise proposta no presente estudo pretende levar em conta as relações entre literatura e sociedade. Para tanto, o autor escolhido será tratado como um articulador desse diálogo que, entre outros aspectos, relativiza a hierarquização dessa relação. Dito de outro modo, sociedade e literatura se influenciam mutuamente, de modo que, em certos momentos, o fato nutre a ficção e, em outro, a ficção inaugura perspectivas para uma leitura crítica do fato.

A dificuldade em encontrar livros de historiadores que abordem a história de Angola após a independência<sup>10</sup> nos levou a procurar outras fontes, como artigos, entrevistas e depoimentos, pesquisa que possibilitou concluir que as divergências, entre o discurso oficial divulgado pelos canais de informação do governo e o jornalismo independente, são muito grandes. Portanto, para além das fontes historiográficas (Alberto da Costa e Silva, apenas para citar uma referência), serão utilizados suportes decorrentes dos estudos culturais (Anderson, Halbwachs, Hall, Hobsbawn, Le Goff, Pollack) e dos estudos literários (Eliana L. de Lima Reis, Fernando Mourão, Inocência da Mata, Laura Cavalcante Padilha, Manuel Ferreira, Rita Chaves). Com esse tecido crítico, por certo aberto e relativo, pretende-se, mais do que afirmar noções de valor na obra de José Eduardo Agualusa, evidenciar as oscilações que constituem o aspecto relevante e perturbador desta obra. Em outras palavras, o arcabouço teórico derivado do diálogo entre diferentes áreas se articula como um instrumental pertinente para rastrear uma obra caracterizada, entre outros aspectos, pelo questionamento das fronteiras estabelecidas e dos valores afirmados como universais.

Após mais de 30 anos de independência, muitos autores angolanos ainda centram o seu discurso na luta anticolonial e poucos se arriscam no território da atualidade. Para exemplificar, destacamos alguns trechos da entrevista de Luandino Vieira (LV) para o “Suplemento Mil Folhas” (SMF) do jornal português “Público”, em 15/12/2006<sup>11</sup>:

---

<sup>10</sup> Durante a década de 1970 e 80 prevaleceram as obras que tratam da introdução à história de África, em trabalhos de síntese e de divulgação, bem como de levantamento de diversos aspectos da realidade africana, feitas de forma a cobrir a África como um todo, com destaque para a famosa coleção da UNESCO, “História da África” editada em 8 volumes e em diversas línguas, no Brasil editado pela Ática, ficando em aberto as histórias particulares das diversas nações africanas.

<sup>11</sup> <http://amota.wordpress.com/2007/02/27/47/#more-47>

SMF - A trilogia do “Livro dos Rios”, de que ainda só temos este primeiro volume, é o quê?

LV - A idéia é a relação entre o homem angolano com a natureza angolana, no contexto da luta de libertação nacional. A trilogia é só a travessia de um grupo de guerrilheiros de um ponto para outro, numa pequena missão, ter contacto com alguém da frente interna que traz medicamentos.

SPF - Anos mais recentes de Angola não vão estar lá.

LV - Não. Até porque...

SMF - Não os viveu.

LV - Vivi até 1993, mas isso... é parte da minha realidade mas não povoa o meu imaginário. Até porque não a percebo muito bem. Só escrevo quando posso mentir sobre os assuntos.

SMF - Aí já estão claros.

LV - É. A História de Angola que incluo aqui está clara, qualquer que seja a leitura. A partir daí posso inventar.

[...]

SMF - Lê os jornais angolanos.

LV - Porque mos mandam.

SMF - Saiu um texto de José Eduardo Agualusa na “Capital”...

LV - Pedi ao meu filho que o trouxesse. Disseram-me: o José Eduardo varreu o teu livro.

SMF - O que ele diz é que é um grande livro, mas que no sentido de quem esperava um livro novo é uma desilusão.

LV - É a leitura dele.

SMF - Ele tinha vontade de ler sobre uma Angola mais actual.

LV - Mas isso então é muito simples. O Zé Eduardo, que é escritor, escreve sobre essa Angola. É o que tem feito.

[...]

SMF - Como olha para a literatura angolana? Ruy Duarte de Carvalho, por exemplo?

LV - Um grande escritor, Esse, por exemplo, merecia, muito antes do Luandino, o Prémio Camões. Escreve num português fantástico, uma coisa bela, mesmo. E é um intelectual polifacetado, cinema, artes plásticas, a sua formação de antropólogo, aquele apego à terra, tudo isso faz dele um escritor extremamente original ao ponto de baralhar os géneros.

[...]

SMF - José Eduardo Agualusa?

LV - Tem o mérito de se concentrar naquilo que ainda está quente. De pegar nas questões quando elas ainda não são muito claras, e portanto arrisca. É um escritor de risco.

SMF - E que resultados esse risco tem?

LV - Alguns livros são bons, outros não gosto nada.

SMF - Gostou de “Estação das Chuvas”?

LV - Gostei. Não li os dois últimos.

Através da entrevista acima é possível, também, ter uma idéia acerca das dificuldades encontradas para analisar o trabalho de um autor, cuja obra ainda se encontra em pleno desenvolvimento (não podendo, portanto, ser olhada como um todo), sobre o qual ainda não existe um consenso, e que aborda temas, sobre os quais também ainda não há uma posição conclusiva, com um discurso que não vai ao encontro das expectativas do discurso vigente. Luis Kandjimbo, por exemplo, crítico literário angolano e vice-ministro da educação, acusa-o

de pretender “reavivar um mundo africano visto sob a batuta da cultura e ideais de Portugal nos trópicos. Basta ler *Nação Crioula*.”<sup>12</sup>

As dificuldades, entretanto, acabaram se tornando estímulo para centrar nosso olhar em um dos romances de Agualusa que Luandino Vieira não leu, ou não tinha lido à época da entrevista: *O vendedor de passados*, romance publicado em 2004, que faz uma irônica crítica à sociedade angolana contemporânea. Em *Estação das chuvas*, de 1996, Agualusa relatara os acontecimentos que se seguiram à independência; em *Nação crioula*, de 1997, havia feito uma crítica à sociedade escravocrata do século XIX; e *O vendedor de passados* se apresenta, a nosso ver, como o resultado da equação entre as duas situações, o colonialismo e a guerra civil do pós-independência. Melhor explicando, o retrato da sociedade angolana que *O vendedor de passados* nos apresenta, em linhas gerais, pode ser considerado como consequência de dois processos históricos, a colonização e o pós-independência. Assim, por reunir algumas das características mais marcantes do autor e por problematizar de maneira explícita alguns dos dramas do sujeito, angolano – mas não somente, na contemporaneidade, esta obra foi por nós selecionada para a elaboração de uma análise mais detalhada. Vale ainda salientar que a nossa análise pretende, por tudo o que foi exposto até o momento, fornecer uma contribuição ao estudo da obra de Agualusa, em particular, e das literaturas de língua portuguesa, em geral.

## 2.2 Um autor com muitos retratos

Autor contemporâneo de língua portuguesa, José Eduardo Agualusa, filho de pai português e mãe brasileira, nasceu na cidade de Huambo, interior de Angola, em 1960. As noções de pluralidade e movimento atravessam a sua biografia, situação que, com as devidas alterações – resultantes do jogo especular que se estabelece entre vida e obra do autor – pode ser apreendida na tessitura de seu discurso literário. Historicamente, o seu nascimento coincide com o nascimento dos movimentos pela descolonização. Suas experiências e memórias estão intimamente marcadas pela história de Angola: colonização, movimentos nacionalistas, independência, guerra civil e pós-guerras. Sua vida se “costura” nesses fatos e seus livros refletem as leituras que faz dos mesmos. Em 1975, foi para Portugal onde estudou Agronomia, mas acabou por se dedicar ao jornalismo e ao trabalho como escritor.

---

<sup>12</sup> <http://www.nesus.ao/kandjimbo>

Atualmente, o autor divide-se entre Angola, Portugal e Brasil que, segundo ele, faz uma síntese dos dois primeiros.

A sua obra não oferece respostas nem soluções para os problemas da sociedade angolana contemporânea e, levando-se em conta o modo irônico e autocrítico como se articula, parece não ter essa pretensão, fato que a coloca, de certa maneira, em linha de colisão com a literatura compromissada dos tempos da luta anticolonial. Prova disso, é que a questão da identidade, por exemplo, presente em todos os seus textos, apresenta-se muito mais como uma interrogação do que como uma afirmação. Elementos de suma importância para o projeto de construção da Nação angolana, como fronteiras, história, tradição, raça, etc., são colocados à prova no discurso proposto por Agualusa. Se as gerações anteriores, e mesmo as atuais, ainda buscam a afirmação de uma identidade de essência angolana, que possa apaziguar toda a diversidade cultural existente em Angola, para poder retomar o sonho de construção da Nação, Agualusa se pergunta, e nos pergunta: o que é identidade, o que é ser angolano, português, goês, brasileiro?

É interessante notar que Agualusa em algum momento precisou optar pela nacionalidade angolana, já que ter nascido em Angola no período colonial tornava-o cidadão português. Também alguns de seus personagens ficam divididos entre duas nacionalidades e são levados, por vezes, a optar por uma nacionalidade diferente daquela que lhes foi atribuída ao nascimento, indicando que o sentido de identidade, tanto quanto o de nação, decorre de uma “construção social”. Em outros termos, isto faz com que identidade e nação se constituam como conceitos móveis, passíveis de serem articulados em diferentes instâncias, segundo diferentes interesses e necessidades dos indivíduos e dos grupos.

A obra de Agualusa compreende dez livros de contos, com destaque para *Fronteiras perdidas*, sete romances, um livro de poemas, uma novela e um guia, que é na verdade um livro-reportagem sobre a comunidade africana em Lisboa, intitulado *Lisboa Africana*. Independente do gênero que utilize, Agualusa escreve sobre Angola e sobre angolanos, estejam eles em África ou não. A sua extensa produção registra o trabalho de um observador atento. A partir do que observa, no passado e no presente, nas micro-histórias e na macro-História, dentro e fora de Angola, nos espaços por onde transita, o jornalista-escritor desenvolve o seu discurso ficcional.

A necessidade de olhar para o passado e para si mesmo impele o escritor a buscar um discurso que possa responder a essa tensão e que se concretiza na relação entre fato e ficção como linguagem suficiente para dizer passado e atualidade. O escritor se situa no presente para observar e entender a história, desenvolvendo a ficção. Se para o historiador o objetivo é

conhecer o núcleo do acontecimento (fato), para o ficcionista, o acontecimento representa o canal para a elaboração artística que vai além das revelações feitas pelo historiador. As lacunas que o historiador não consegue preencher se oferecem à imaginação do ficcionista. O presente fragmentário gera novo olhar sobre o passado, iluminando recantos obscuros e revelando outras faces do conhecimento ao homem contemporâneo. No desdobramento do fato para a ficção, o ficcionista substitui a linguagem do historiador por uma linguagem lúdica que transfigura e multiplica significados, no sentido de criar imagens que provoquem o texto e o leitor.

Como fontes geradoras de informação, o fato e a ficção apresentam uma diferença, gerada a partir do objeto a ser comunicado: o fato histórico é a ferida, ou seja, o acontecimento verificável a partir de perspectivas objetivas e subjetivas, enquanto a ficção, imagem do ferimento, vale-se das referências subjetivas para recriar e ultrapassar os contornos objetivos do fato. No que diz respeito ao procedimento de Agualusa, pode-se dizer que o ficcionista se volta para o passado e para as cristalizações culturais e, a partir de um discurso ficcional, se empenha em pensar os problemas contemporâneos, dentre eles, a fragmentação identitária do sujeito angolano.

As visitas de Agualusa à História de Angola, inevitavelmente ligada à de Portugal, do Brasil, da Índia, etc., evidenciam a fragmentação das identidades, construídas na relação entre as populações autóctones de Angola e entre essas populações e outras, africanas ou não, cujas Histórias se entrelaçam com a dos angolanos. O resultado dessas relações, afinidades e diferenças, pactos e conflitos, marca a obra de Agualusa, demonstrando que a questão da identidade, por exemplo, em discussão nas teorias sobre a sociedade, também não se revela assunto de fácil abordagem no campo da literatura. Tal cenário, pode-se dizer, deriva do ponto de vista adotado por Stuart Hall, segundo o qual “as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas”. (HALL, 2004, p. 8)

Imerso nesse debate, Agualusa afirma que escreve “pela razão que levou à escrita a maioria dos escritores africanos ou angolanos: a procura pela identidade: afinal quem é que sou, quem somos nós, no meio desta situação?”. No decorrer do trabalho voltaremos a esta questão, de grande importância para a compreensão da sua obra. Para exemplificar o movimento das identidades no discurso elaborado por Agualusa, faremos uma síntese dos romances publicados até agora pelo autor. Tal procedimento tem o objetivo de evidenciar a moldura literária, histórica e social dentro da qual se articula o pensamento do autor, revelado, muitas vezes, como uma voz dissonante no coro que afirma a identidade como um valor absoluto ou a nação como uma realidade estabelecida.

O romance *A Conjura*<sup>13</sup>, de 1989 é a sua primeira publicação. Nele, Agualusa revisita a História de Luanda, capital de Angola, no período entre 1880 e 1911, para recuperar uma história da qual sobraram apenas rumores em antigas canções. Através das histórias de personagens diversos que habitavam Luanda naquela época, entre eles condenados ao degredo que Portugal enviava para Angola, somos levados até os acontecimentos do dia 16 de junho de 1911, data em que ocorreu uma tentativa fracassada de revolta pela independência.

Em 1996, *Estação das chuvas*<sup>14</sup> retoma um passado bem mais recente para reconstituir a história de Lídia do Carmo Ferreira, poetisa e historiadora angolana, misteriosamente desaparecida em Luanda em 1992, durante a guerra civil. Este romance apresenta um pacto com a realidade, verificado nos agradecimentos, que o antecedem, aos que participaram do trabalho de pesquisa e aos que se dispuseram a partilhar memórias (entre os nomes citados podemos encontrar Luandino Vieira, Ana Paula Tavares e Mário Pinto de Andrade). O nascimento da nação sonhada pelos nacionalistas abre o romance. Com a transcrição da mensagem de Agostinho Neto à população angolana, no momento da proclamação da independência, se inicia a história que vai revelar a trajetória dos movimentos nacionalistas e o que representou para os angolanos a guerra civil que se seguiu à independência. Ao final, a constatação do narrador-personagem, “Este país morreu!”, evidencia o desalento causado pelo fracasso do sonho. É importante ressaltar que nas escolas angolanas ainda não se estuda o passado recente das guerras, a história é ensinada até à independência, apesar dos mais de 30 anos decorridos. A História oficial pouco, ou nada registrou das guerras civis em Angola e o trabalho jornalístico tem sido insuficiente para a compreensão daquela realidade. A ficção, no entanto, nos aproxima da realidade, empresta vida à História e complementa as lacunas por ela deixadas.

No ano seguinte, em 1997, é lançado *Nação Crioula*<sup>15</sup>. Admirador confesso de Eça de Queiroz, Agualusa toma emprestado o personagem Fradique Mendes, daquele autor português do século XIX, e divulga a história que Eça não contou: a passagem de Fradique por terras angolanas. Na versão de Agualusa, o europeu Fradique se envolve com Ana Olímpia, uma ex-escrava que com a morte do marido se torna uma rica personalidade angolana, também proprietária de escravos. Quando Ana Olímpia é reclamada por um cunhado que julga ter direito à sua propriedade, por herança, Fradique foge com a amada para o Brasil, onde fixa

---

<sup>13</sup> FERREIRA, Manuel "[Recensão crítica a 'A Conjura', de José Eduardo Agualusa; 'D. Nicolau Água-Rosada e Outras Histórias Verdadeiras e Inverossímeis', de José Eduardo Agualusa]"/ Manuel Ferreira. In: *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, n.º 129/130, Jul. 1993, p. 292-293.

<sup>14</sup> <http://www.uff.br/nepa/resumos-v-seminario.htm>

<sup>15</sup> <http://static.publico.clix.pt/docs/cm3/escritores/78-JoseEduardoAgualusa/quintal.htm>

residência e onde nasce a filha mestiça do casal. Com a sua morte Ana Olímpia e a filha regressam a Angola onde são poucos os que ainda se lembram de sua história. O romance, escrito na forma de cartas, na maioria de Fradique à sua madrinha em Portugal, mas também à amada e até ao próprio Eça de Queiroz, vão revelando a complexidade das relações da sociedade angolana, nos finais do século XIX. A escolha do personagem Fradique Mendes poderia representar um pacto com a ficção, ao contrário de *Estação das chuvas*, mas, ao longo da narrativa, percebe-se que essa escolha faz parte de um jogo que envolve as noções de fato histórico e as possibilidades de releitura através da reinvenção ficcional. A história está ancorada em personalidades reais, embora ficção e realidade se confundam durante todo o romance. Mais uma vez percebemos a idéia de que há muitas lacunas na História que só podem ser preenchidas com as micro-histórias.

*Um estranho em Goa*<sup>16</sup>, publicado em 2000, conta a passagem de um jornalista angolano por Goa, ex-território português na Índia. Narrador-personagem, José, o jornalista angolano, encontra Plácido Domingo, um antigo militar português que abandonou o exército de Salazar para se juntar ao movimento nacionalista angolano na década de 1960. Afinal, não tão estranho, o personagem sofre das mesmas angústias que os goeses. Goa, Damão e Diu são o resultado da passagem portuguesa pela Índia. Das três, Goa foi a que manteve uma relação cultural mais estreita com Portugal mas, após a ocupação indiana em 1961, as tradições portuguesas foram sendo gradativamente apagadas. Para uns a ocupação indiana foi uma invasão, para outros representou a libertação. Os Goses, na maioria mais identificados com a cultura portuguesa do que com a indiana, passaram a se sentir estranhos em sua própria casa. Nem portugueses, nem indianos, os goeses lutam pelo direito de preservar o que lhes é peculiar, a língua portuguesa, o catolicismo e de resistir aos costumes indianos. Situação semelhante à vivida pela população de Macau ou do Timor Leste, ambas apegadas à herança cultural portuguesa. Este romance se concentra no tema da identidade construída na relação entre culturas diversas, definida por particularidades, afinidades e diferenças com essas culturas.

No ano de 2002, com o romance *O ano em que Zumbi tomou o Rio*<sup>17</sup>, mais uma vez um personagem angolano está fora de casa. Zumbi é agora, não o herói dos Palmares, mas um antigo coronel do Ministério da Segurança de Estado de Angola, que trocou o seu país pelo Brasil e prepara uma invasão aos bairros ricos do Rio. A ficção mostra como os heróis da

---

<sup>16</sup> <http://hasempreumlivro.blogspot.com/2009/03/um-estranho-em-go-de-jose-eduardo.html>

<sup>17</sup> [http://www.gryphus.com.br/livro\\_ano.html](http://www.gryphus.com.br/livro_ano.html)

história podem se tornar vilões, ou o inverso, dependendo apenas de uma nova ordem político-social ou da ótica de quem registra os fatos.

Em *O vendedor de passados*<sup>18</sup>, de 2004, figuras da emergente burguesia angolana procuram um estranho comerciante para adquirir um passado condizente com a posição que ocupam. A história de Félix Ventura, narrada por uma lagartixa que assiste e interpreta os acontecimentos, une o fantástico e o real para fazer uma irônica crítica à sociedade angolana atual. A possibilidade de se manipular a História, de se reconstruir o passado atendendo a interesses pessoais ou políticos marcam o texto deste romance, nosso escolhido para uma análise mais detalhada.

No último romance, *As mulheres de meu pai*<sup>19</sup> de 2007, Laurentina tenta reconstituir a vida daquele que acredita ser o seu pai biológico, um músico já falecido. Acaba descobrindo que Faustino Manso, apesar de ter deixado sete viúvas e dezoito filhos, era estéril. A busca pelas origens biológicas, pelo que julga ser a sua verdadeira identidade não fornece as respostas esperadas. O tema central do romance é mais uma vez a busca pela identidade. Angolanos que se sentem portugueses e portugueses que se assumem angolanos são personagens desta história, mostrando que a identidade não é algo fechado, determinado e determinante. Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, defende a ideia de que o sujeito que tinha “uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado, composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2004, p. 12). Paralelamente à história de Laurentina, em capítulos alternados com a história fictícia, o autor conta a sua viagem com a cineasta inglesa Karen Boswall, que vive em Moçambique. Os personagens reais que encontram na viagem inspiram e alimentam os fictícios. Agualusa apresenta no próprio texto o processo de construção do romance.

De modo geral, como já foi dito anteriormente, encontramos nos textos de Agualusa a preocupação com a questão da identidade. De volta ao passado, seja ele recente ou mais remoto, ou mesmo no presente, seus personagens demonstram que a identidade única não só não (co)responde à realidade angolana como tem custado um preço muito alto para os angolanos. Circulando por espaços temporais e transnacionais, transitando entre culturas, seus personagens estão, assim como o próprio autor, em busca de respostas para a questão central, a identidade. Nos romances de Agualusa não encontramos os heróis da geração anterior, envolvidos no projeto de construção da Nação para o qual buscavam engajamento, encontramos

<sup>18</sup> <http://pt.shvoong.com/books/novel/1684290-vendedor-passados/>

<sup>19</sup> <http://www.folhadeangola.com/noticia.php?id=813>

personagens comuns, vítimas de uma realidade que lhes foi imposta. Na maioria das vezes são plurais, mudam de lado, assumem posições conflitantes e ambíguas, ninguém é de todo herói ou apenas vilão. A crítica social, carregada de ironia, atravessa a obra do autor, desde a sociedade escravocrata do século XIX, descrita por Fradique Mendes em *Nação Crioula*, à sociedade angolana atual de *O vendedor de passados*.

### 2.3 *O vendedor de passados*, um romance de provocações

Lançado em 2004, *O vendedor de passados* vem nos apresentar um irônico retrato da sociedade angolana, num passado ainda recente. Em 2002, após a morte de Jonas Savimbi e à véspera da formalização do acordo de paz, a Acta de Luena, o presidente José Eduardo dos Santos, em pronunciamento à nação, pediu à população que perdoasse e esquecesse o que aconteceu durante as guerras, diante da necessidade de se construir a Nação angolana:

Perante o silêncio das armas, não posso deixar de apelar a todos os Angolanos e Angolanas, sem distinção, para que comunguem em toda a sua plenitude a Paz. Para que isso aconteça é necessário que cada um e todos nós sejamos capazes de perdoar e de esquecer, isto é, de afastar os sentimentos de ódio e vingança, que nunca poderão contribuir para a construção de um mundo mais digno e mais justo para o Povo Angolano.<sup>20</sup>

O discurso do vencedor vinha ao encontro do que Ernest Renan afirmara, em conferência realizada na Sorbonne, a 11 de março de 1882: “A essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas”. Naquela ocasião, Renan afirmara ainda que:

O esquecimento, e diria, mesmo o erro histórico são um fator essencial da criação de uma nação, e é assim que o progresso dos estudos históricos é freqüentemente para a nacionalidade um perigo. A investigação histórica, na verdade, traz à luz os fatos da violência que se passaram na origem de todas as formações políticas, mesmo daquelas das quais as conseqüências foram as mais benéficas. A unidade se faz sempre brutalmente.<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Mensagem à Nação de José Eduardo dos Santos, Presidente da República de Angola, em 03/04/ 2002.

Fonte: [http://www.portalangop.co.ao/motix/pt\\_pt/portal/discursos-dos-presidentes/discursos/Assinatura-Acordo-Paz,50213d6f-dcd3-4046-bffb-16de486c11c4.html](http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/portal/discursos-dos-presidentes/discursos/Assinatura-Acordo-Paz,50213d6f-dcd3-4046-bffb-16de486c11c4.html)

<sup>21</sup> Ernest Renan “O que é uma nação?” Tradução: Glaydson José da Silva

Fonte: <http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>

Em direção oposta ao discurso oficial, que exorta ao esquecimento das divergências do passado e dos excessos cometidos durante a guerra que terminou em 2002, a osga<sup>22</sup> que narra os eventos em *O vendedor de passados* parece avisar que é inútil negar o passado, pois o que está feito, está feito..., não pode ser mudado, a menos que seja adulterado: “O passado costuma ser estável, está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre. (Eu acreditava nisto antes de conhecer Félix Ventura).” (AGUALUSA, 2004, p. 59). A presença deste narrador-lagartixa, que aos poucos vai recuperando a memória de um passado humano, de uma vida anterior, não nos parece inocente. Antes, julgamos ser uma forma de chamar para o presente da narrativa o fantasma de um episódio que o governo quer esquecido, o “27 de maio de 77”. (O episódio, que na versão oficial representou uma tentativa de golpe de estado orquestrada por um grupo dissidente do partido, foi retaliado de forma bárbara, atingindo muitos inocentes. “O Jornal de Angola”, órgão oficial de imprensa à época dos acontecimentos, apelidara os seguidores de Nito Alves, líder do movimento, de lagartixas e outros répteis.<sup>23</sup>)

O fato de a osga em causa possuir um passado humano, sem muitas emoções, muito mais dedicado aos livros do que às paixões, parece estabelecer uma ligação com os cidadãos que foram acusados, sem provas concretas, de envolvimento com os “nitistas”, na suposta tentativa de golpe de estado. É através deste narrador, uma memória incômoda, que somos apresentados aos demais personagens, que assim como ele, possuem um passado que irrompe o presente, desestabilizando-o. Além de nos revelar seu passado humano através do relato dos seus sonhos, a osga registra a movimentação da casa do comerciante de memórias, Félix Ventura, e divide com o leitor suas reflexões sobre diversos temas. Como exemplo, destacamos o momento em que observa, das janelas da casa, os meninos que escalam o muro para roubar frutas. A divagação abre espaço para a denúncia do fato e para a criação:

Creio que o fazem para provar o risco. Amanhã o risco há-de, talvez, saber-lhes a nêspersas maduras. Imaginemos que um deles venha a tornar-se sapador. Neste país não falta trabalho aos sapadores. Ainda ontem vi, na televisão, uma reportagem sobre o processo de desminagem. Um dirigente de uma organização não governamental lamentou a incerteza dos números. Ninguém sabe, ao certo, quantas minas foram enterradas no chão de Angola. Entre dez a vinte milhões. Provavelmente haverá mais minas do que angolanos. Suponhamos, pois, que um desses meninos venha a tornar-se um sapador. Sempre que rastejar através de um campo de minas, há-de vir-lhe à boca o remoto sabor de uma nêspersa. Um dia enfrentará a inevitável questão,

<sup>22</sup> A osga-tigre é uma espécie de lagartixa que produz um som que se assemelha ao de uma risada (Informação do autor).

<sup>23</sup> <http://27maio.com/angola-27-maio-sobreviventes-e-familiares-de-vitimas-apresentam-queixa-no-tpi/>

lançada, com um misto de curiosidade e horror, por um jornalista estrangeiro:

- Em que pensa enquanto desarma uma mina?

E o menino que ainda houver nele responderá sorrindo:

-Em nêspelas, meu pai. (AGUALUSA, 2004, p. 10-11)

A osga nasceu e sempre viveu na casa de Felix que a ignora até o dia em que percebe que a mesma é capaz de rir. A partir daí, passa a interagir com ela, fazendo-lhe confidências. O outro, neste caso uma lagartixa, tão distante e diferente, torna-se próximo, semelhante, por ter em comum, apenas o riso.

Até à semana passada o albino sempre me ignorou. Desde essa altura, depois de me ter ouvido rir, chega mais cedo. [...] Conversamos. Ou melhor, ele fala, eu escuto. Às vezes rio-me e isso basta-lhe. Já nos liga, suspeito, um fio de amizade. (AGUALUSA, 2004, p. 5)

É a oportunidade para falar sobre o sentimento de superioridade e desprezo que, normalmente, o ser humano tem pelo outro, principalmente pelo diferente, assumindo mais uma vez o papel de condutora da reflexão:

Ficaram um bom tempo discutindo sobre mim, o que me incomodou, porque o faziam como se eu não estivesse presente. Ao mesmo tempo sentia que falavam não de mim, mas de um ser alienígena, de uma vaga e remota anomalia biológica. Os homens ignoram quase tudo sobre os pequenos seres com os quais partilham o lar. Ratos, morcegos, baratas, formigas, ácaros, pulgas, moscas, mosquitos, aranhas, minhocas [...] (AGUALUSA, 2004, p. 19-20)

Aos poucos, vai se lembrando de sua vida anterior, recuperando e re-significando as suas experiências. Assim como a maioria dos personagens, a osga tem um duplo, no seu caso, uma vida anterior que vai sendo revelada em sonhos. Por vezes, ela e Félix sonham o mesmo sonho, onde se encontram, e a lagartixa tem a forma humana de sua vida anterior, figura que não é estranha a Félix, indicando que devem ter se conhecido. Em sua vida passada, a osga que Félix batiza de Eulálio, foi um menino retraído que se refugiava nos livros da biblioteca da escola. Teve sua iniciação sexual patrocinada pelo pai junto a uma prostituta, o que resultou em trauma e dificuldades em se aproximar das mulheres. A mãe ensinou-o a preferir os livros à vida. Dizia: “A realidade é dolorosa e imperfeita” (AGUALUSA, 2004, p. 102). Repressora, “A mãe esforçou-se ainda por me afastar de todas as mulheres que suspeitava

poderem, um dia, afastar-me dela” (AGUALUSA, 2004, p. 171). Tornou-se bibliotecário. Seus sonhos vão revelando que não viveu, que não amou, e essa é a sua angústia. Sonha que anda na multidão e que ninguém o vê, como acontecia em sua vida passada. Não parece haver nada que valha a pena lembrar, mas as lembranças que vão surgindo alheias à sua vontade mostram que as repressões sofridas na infância não lhe permitiram tornar-se um adulto integrado. A vida humana da osga se apresenta como uma alegoria da cultura do colonizador, repressora e geradora de traumas. Num de seus sonhos, recorda que tentou o suicídio:

Queria morrer completamente. Tinha a esperança de que a vida eterna, o paraíso e o inferno, Deus e o Diabo, a reencarnação, tudo isso, fossem apenas superstições urdidas demoradamente, ao longo de séculos e séculos, pelo vasto horror dos homens. (AGUALUSA, 2004, p. 69)

O estranho narrador faz sua própria apresentação no primeiro capítulo do livro, intitulado “(um pequeno deus noturno)”. Na pele de um parasita doméstico, a quem os humanos dão pouca importância, o narrador é de certa forma onipotente. Além de poder observar tudo que acontece na casa de Félix sem ser notado, a experiência de uma vida humana anterior permite-lhe compreender aquela realidade e comunicar-se com os personagens através dos sonhos. Podemos dizer que a osga ocupa espaço semelhante ao das vozes marginais (ou marginalizadas), tais como o velho, a criança e o louco, a quem a princípio, por não serem considerados vozes autorizadas, não se lhes atribui muito crédito. Entretanto, a contradição reside no fato de que esta suposta falta de autorização lhes confere liberdade suficiente para dizerem o que é preciso dizer e, no entanto, nenhum narrador autorizado ousa dizer. Durante muito tempo, até o dia em que foi flagrada rindo, a osga era um estranho. Ao invadir os sonhos de Félix com a aparência de sua vida anterior, torna-se ainda mais próxima e passa a ser temporariamente admitida como não estranho, sendo batizada com um nome humano (Eulálio). Assim, ela pertence a duas realidades: a osga, um animal estranho, e Eulálio, a antropomorfização que domestica o estranho e o torna “aceitável”. Podemos ainda pensar neste narrador como uma espécie de alter ego do autor já que, tanto quanto Agualusa, desestabiliza muitas vezes o lugar comum das opiniões, ao apresentar enunciados polêmicos e perturbadores.

Sob o olhar atento do narrador, encontramos Félix Ventura, O vendedor de passados. Fantasiar o passado não é algo incomum, mas encontrar alguém que faz dessa atividade uma forma de ganhar a vida, uma profissão, provoca certo estranhamento. Diríamos que esse comerciante encena em sua trajetória e em sua visão de mundo determinados aspectos que

permeiam a sociedade na qual se insere, ou seja, a Angola e, mais precisamente, a cidade de Luanda do período após a descolonização. O seu trabalho resume-se em escrever passados “melhorados” para personalidades da sociedade angolana, mas somente as palavras do autor podem ilustrar a estranha profissão:

Félix Ventura rendeu-se. Procurava-o, explicou, toda uma classe, a nova burguesia. Eram empresários, ministros, fazendeiros, camanguistas, generais, gente, enfim, com o futuro assegurado. Falta a essas pessoas um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos. Resumindo: um nome que ressoe a nobreza e a cultura. [...] Os empresários, os ministros, gostariam de ter como tias aquelas senhoras, prosseguiu, apontando os retratos nas paredes – velhas donas de panos, legítimas benssanganas -, gostariam de ter um avô com o porte ilustre de um Machado de Assis, de um Cruz e Sousa, de um Alexandre Dumas, e ele vende-lhes esse sonho singelo. (AGUALUSA, 2004, p. 17)

Este processo, a que Hobsbawm chamaria de invenção das tradições<sup>24</sup>, surge nas sociedades modernas quando ocorrem transformações, ao mesmo tempo amplas e abrangentes. Luanda, capital de Angola, que desde a fundação foi palco da miscigenação da cultura do colonizador com a do colonizado, passou por grandes transformações após a independência e descolonização. A maior parte da população tradicionalmente urbana, composta principalmente por colonos, seus descendentes e colonizados assimilados, saiu de Angola em face da instabilidade que se instalou, deixando para trás sua história, seus pertences, suas casas, comércios e indústrias, o que juntamente com as riquezas minerais angolanas se tornou o espólio a ser distribuído entre a nova elite angolana (membros e apadrinhados do novo governo).

Os conflitos armados que se seguiram à descolonização espalharam marcas de destruição pela cidade. A infra-estrutura, sem manutenção e insuficiente para atender ao crescimento desordenado devido à chegada das populações expulsas do interior pela guerra e pela fome, entrou em colapso. A vida da nova burguesia contrasta com a situação de miséria da população em geral e a invenção da tradição pode ajudar a justificar o poder que detém. Assim, a partir da manipulação dos mecanismos ideológicos que presidem a formulação do passado, ou se preferirmos, da fundação das tradições, Felix fantasia (ou, diríamos com Hobsbawm, reinventa) as vidas de seus clientes. O pensamento do próprio Hobsbawm ilustra a situação:

---

<sup>24</sup> Em “A invenção das tradições” Eric Hobsbawm e Terence Ranger mostram como a tradição, utilizada como base para o nacionalismo, é na realidade uma construção, algo criado, inventado.

[...] Os novos burgueses buscam pedigrees, as novas nações ou movimentos anexam a sua história exemplos de grandeza e realização passadas na razão direta do que sentem estar faltando dessas coisas em seu passado real – quer esse sentimento seja ou não justificado. (HOBSBAWM, 1997, p. 33)

Um deles, apresentado apenas como “O Ministro”, fica tão entusiasmado com a genealogia ilustre que Félix inventou para ele que resolve ir mais longe e encomenda um livro de memórias, “A Vida Verdadeira de Um Combatente” (AGUALUSA, 2004, p. 139). O capítulo que trata das memórias do Ministro intitula-se “(personagens reais)”, o que parece insinuar a ligação entre “O Ministro” da ficção e reais personalidades políticas de Angola. “O Ministro” em causa, dono de uma rede de padarias em Angola, ocupa o cargo fictício de Ministro da Panificação e Laticínios, cuja sonoridade que nos remete ao cargo de Ministro da Planificação (o equivalente a Ministro do Planeamento), cargo que já foi ocupado por José Eduardo dos Santos antes de assumir a Presidência em 1979. Em Angola, assim como em outros países, negócios e política têm uma ligação muito estreita, alimentando-se mutuamente. As maiores empresas angolanas estão nas mãos de políticos e ex-políticos do partido que se mantém no poder há mais de 30 anos<sup>25</sup>. No livro encomendado, o prosaico passado do Ministro é substituído por um passado que lhe garante uma imagem gloriosa e digna da importante função pública que ocupa. A habilidade de Félix (assim como a de Agualusa) está em conseguir tecer o passado inventado com o original, de forma a conseguir um efeito verossímil. Com o passar do tempo, restarão apenas as memórias que Félix registrou no livro e o verdadeiro passado do Ministro cairá no esquecimento:

Assim que A Vida Verdadeira de Um Combatente for publicada, a história de Angola ganhará outra consistência, será mais História. O livro servirá de referência a futuras obras que tratem da luta de libertação nacional, dos anos conturbados que se seguiram á independência, do amplo movimento de democratização do país. (AGUALUSA, 2004, p. 140)

Na caricatura que Agualusa faz da sociedade angolana, políticos inventam tradições para legitimar a autoridade que possuem e que lhes garante realizar os interesses pessoais que se escondem por trás dos interesses coletivos que apregoam. Na ficção, o Ministro determinado a “dar ao povo o pão nosso de cada dia” voltou a Angola com o dinheiro que

---

<sup>25</sup> [http://www.angoladigital.net/digitalnews/index.php?option=com\\_content&task=view&id=5895&Itemid=40](http://www.angoladigital.net/digitalnews/index.php?option=com_content&task=view&id=5895&Itemid=40)

ganhou em Portugal, de maneira não muito digna, para montar uma rede de padarias. Em pouco tempo se familiarizou com o sistema, utilizou-se do suborno para legalizar as padarias e após dois anos já era, ironicamente, “Secretário de Estado para a Transparência Económica e Combate à Corrupção” (AGUALUSA, 2004, p. 142), chegando a Ministro da Panificação e Laticínios. O Presidente da sociedade fictícia foi substituído por um duplo, ou melhor, foi sendo substituído por diversos duplos ao longo do mandato. A correlação com o presidente angolano, que durante seu longo mandato vem passando por uma metamorfose ideológica, torna-se inevitável. Ao descobrir a trama, Félix comenta entre risadas:

–Temos então um presidente de fantasia -, disse, enxugando as lágrimas com um lenço. –Isso eu já suspeitava. Temos um governo de fantasia. Um sistema judicial de fantasia. Temos, em resumo, um país de fantasia. Mas conte-me – quem substituiu o presidente? (AGUALUSA, 2004, p. 160)

As críticas que o autor faz à elite política angolana repercutem na aceitação que tem em Angola, pelo menos no que diz respeito ao discurso oficial. Agualusa trás para o seu texto as críticas que lhe são feitas e responde a elas. Eulálio conta o que ouviu de Félix durante um de seus sonhos:

Mudou de assunto. Contou ter assistido, dias antes, à apresentação do novo romance de um escritor da diáspora. Era um sujeito quizilento, um indignado profissional, que construía toda a sua carreira no exterior, vendendo aos leitores europeus o horror nacional. A miséria faz imenso sucesso nos países ricos. O apresentador, um poeta local, deputado pelo partido maioritário, elogiou o novo romance, o estilo, o vigor narrativo, ao mesmo tempo que castigava o autor por achar nele um olhar espúrio sobre a história recente do país. Aberto o debate logo um outro poeta, também deputado, e mais famoso pelo seu passado de revolucionário do que pela actividade literária, ergueu a mão:

- Nos seus romances você mente propositadamente ou por ignorância?

Houve risos. Um murmúrio de aprovação. O escritor hesitou três segundos. Depois contra-atacou:

- Sou mentiroso por vocação -, bradou: - Minto com a alegria. A literatura é a maneira que um verdadeiro mentiroso tem para se fazer aceitar socialmente.

Acrescentou a seguir, já mais sóbrio, baixando a voz, que a grande diferença entre as ditaduras e as democracias está em que no primeiro sistema existe apenas uma verdade, a verdade imposta pelo poder, ao passo que nos países livres cada pessoa tem o direito de defender a sua própria versão dos acontecimentos. (AGUALUSA, 2004, p. 74-75)

“A verdade imposta pelo poder”, justificada pelo interesse coletivo, implica no silenciamento de verdades outras, encontradas nas histórias particulares dos personagens de *O*

*vendedor de passados*. Além de trazer à tona o passado, não tão glorioso quanto seria conveniente, de figuras ilustres da sociedade luandense, o romance resgata do esquecimento, através das suas histórias particulares, as verdadeiras vítimas de todo o processo histórico-social, as pessoas comuns: Félix Ventura, angolano que se adapta ao novo contexto social, encontrando no comércio de memórias uma forma de ganhar a vida; o estrangeiro que procura Félix Ventura em busca de uma identidade angolana falsa que esconda seu passado de colono português, que na sequência do episódio do “27 de maio” foi preso, torturado e repatriado; a esposa negra do colono que deu à luz durante uma seção de tortura e morreu, a filha mestiça do casal que o pai julgava ter morrido no parto e que voltou para reencontrar quando soube que sobrevivera; o torturador, elemento útil ao sistema no passado, que se torna uma memória inconveniente; e a Velha Esperança, representante da população autóctone, plena de sabedoria, mas a quem ninguém dá ouvidos, esquecida pelo colonizador e igualmente esquecida na nova ordem social.

Embora nada indique que a violência em Angola após a descolonização teria sido menor se um dos movimentos de oposição tivesse assumido o poder, já que todos foram capazes das maiores atrocidades durante as guerras, o discurso do esquecimento, que favorece a unidade, torna-se acima de tudo o discurso da impunidade, muito conveniente ao governo que se perpetua no poder. Tal perspectiva nos leva a compreender a necessidade de recuperar a chamada função social da literatura que, na medida em que denuncia e critica, nos coloca diante de outra versão da história, que não a oficial.

Obviamente, não se trata de estabelecer uma hierarquia, segundo a qual o sentido social atribuído à literatura se torna maior do que o sentido decorrente das experimentações estéticas promovidas pelo autor. Trata-se, isto sim, de investir na perspectiva de interpretação que aponta na experimentação estética uma forma radical de releitura dos cenários sociais. Ou seja, a pesquisa de linguagem e a busca por novas formas de narração, em autores como Agualusa, podem ser entendidas como recursos necessários – diríamos mesmo, imprescindíveis – para que possamos ter acesso a fatos e significados sociais caracterizados pela sua complexidade. A esse propósito, é oportuno recuperar a argumentação de Antonio Candido quando – ao tratar da conexão entre análise literária e investigação social no contexto da Literatura Brasileira – afirma que “a ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio se incorporam à estrutura da obra de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador.” (CANDIDO, 1989, p. 164).

Em outras palavras, é na radicalidade de uma linguagem inovadora e da ruptura de alguns elementos já consagrados do romance que Agualusa abre novas sendas para nos aproximarmos da realidade, ou melhor, das várias realidades que se entrecruzam na sociedade angolana contemporânea. Dentre os romances de Agualusa, até o momento, podemos dizer que *Estação das chuvas* é o que assume esse papel de forma mais contundente ao traçar a trajetória dos movimentos nacionalistas angolanos desde a sua formação, revelando os ideais e os sonhos que os povoaram, mas também os conflitos, os interesses, as rivalidades, sem perdoar a nenhuma facção os terríveis sofrimentos que infligiram à população.

### 3 CAMINHOS CRUZADOS

#### 3.1 A invenção da memória

A relação entre história e memória tem sido objeto de amplas discussões teóricas entre os historiadores. No século V a.C., Heródoto, a quem se associa a idéia de origem da historiografia, redigiu a sua história “para impedir que o que os homens fizeram no tempo se apague da memória e que as grandes e maravilhosas façanhas realizadas tanto pelos gregos como pelos bárbaros percam renome” (HERÓDOTO *apud* SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 72). Verifica-se em seu discurso, que a relação da história de Heródoto com a realidade, assente no testemunho e no relato, ou seja, na memória, se propõe também como produtora de memória. O pensamento iluminista do século XVIII vem abalar esta longa e estreita relação, com uma nova concepção da história que ganha estatuto de ciência, onde a história vivida, construída a partir da subjetividade (a memória), deixa de ser considerada fonte segura para a produção do conhecimento científico. Mas um olhar mais crítico sobre a história, a partir de meados do século XX, acaba por permitir que se incorporem conceitos de outras ciências sociais como a filosofia e a antropologia, assim como dados da experiência individual e coletiva.

Paralelamente, buscando colocar a explicação no lugar da simples narração, renasce o interesse pelo evento, pela micro-história e pelo desenvolvimento de uma história imediata, revalorizando a memória <sup>26</sup>. Para Le Goff, “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” (LE GOFF, 2003, p. 477). O processo de negociação entre os conceitos, embora apresentado de forma muito resumida, nos permite perceber por que, na medida em que persegue a história, a ficção de Agualusa é atravessada pelo tema da memória e que, em *O vendedor de passados*, o tema adquira centralidade, já que o romance remete a um passado presente, a “história imediata”. Marcada pela proximidade acentuada entre o sujeito e objeto, por mais rigor que o autor utilize, por mais acurada e objetiva que procure ser a sua análise, a “história imediata” permanecerá um testemunho de seu tempo, pois tem relação direta com o tema - ele é um ator social da própria história. Sendo um gênero híbrido entre a história e o jornalismo, abre caminhos também para a ficção.

---

<sup>26</sup> Sobre a corrente da Escola dos Annales que, entre outros aspectos, estimulou o diálogo da história com outras disciplinas, a exemplo da geografia, da sociologia, da psicologia, ver Peter Burke, *A escola dos Annales*, São Paulo, Editora UNESP, 1997.

Buscando entender a forma como o autor trata o tema da memória, trouxemos para a análise algumas proposições de Halbwachs sobre o tema, como a afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Assim, a origem de várias idéias, reflexões, sentimentos e paixões que atribuímos a nós, na verdade, encontra-se no grupo, apesar da existência de um estado de consciência puramente individual na base de toda lembrança, que chama de “intuição sensível” (HALBWACHS, 2004, p. 41).

Em resumo, a memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”, que deve ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2004, p. 55). Seguindo o pensamento de Halbwachs, podemos entender o discurso de Agualusa como resultado das suas memórias individuais, ou seja, seu ponto de vista sobre a memória coletiva, e devemos levar em consideração o lugar ocupado pelo autor no interior do grupo e as relações mantidas com outros meios: Agualusa passou sua infância e parte da adolescência em Angola, durante o período colonial. A sua cidade natal, hoje Huambo, denominava-se Nova Lisboa, àquele tempo. Benedict Anderson, em *Comunidades imaginadas*, refere-se a esse “estranho” hábito dos europeus “de denominar lugares remotos, primeiro nas Américas e na África, depois na Ásia, Austrália e Oceania como novas versões de (portanto) velhos topônimos em suas terras de origem” (ANDERSON, 2008, p. 256), que pode ser traduzido como um desejo, não de substituir, mas de reproduzir em paralelismo a vida das comunidades originais.

De modo geral, os filhos dos colonos recebiam em seus lares uma educação dentro dos padrões ocidentais e a educação formal seguia o modelo português. Mas apesar do esforço em criar um mundo paralelo à metrópole na colônia, a vida dos colonos e seus descendentes, em contato com a cultura dos povos de Angola, adquire contornos particulares. Paralelamente às iniciativas oficiais no sentido de assimilar os colonizados, impondo-lhes a língua e os costumes europeus, o dia a dia proporcionava o contato entre as culturas, numa via de mão de dupla. Os cerca de 350 mil colonos portugueses e seus descendentes, mestiços na cor da pele e na cultura, que viviam em Angola e que às pressas a deixaram, deixando suas vidas para trás, não se sentiram voltando para casa ao chegar a Portugal, mas sim, expulsos dela. Entre eles encontramos Agualusa, cuja obra, preñe de suas memórias individuais, ou com Halbwachs, de seu “ponto de vista sobre a memória coletiva”, reflete todo esse processo.

Em *O vendedor de passados*, que remete à história recente de Angola, da qual faz parte, as suas memórias saltam das páginas através dos personagens. Sua infância transparece

nas memórias da infância de Félix Ventura, durante o capítulo “(a chuva sobre a infância)”. Do autor, Félix, um negro albino, tem também a indefinição da cor de sua pele. Afinal, o albino é um negro de pele extremamente branca devido à ausência de melanina. Por outro lado, mesmo tendo a pele branca, não é considerado branco. O albinismo sugere um capricho irônico da natureza brincando com a divisão da humanidade em raças, confundindo e contrariando as definições. Agualusa parece reafirmar através de seus personagens albinos, recorrentes em sua obra, que não acredita em raças<sup>27</sup>. Ambos têm em comum, ainda, como referência literária, o autor português Eça de Queiroz. O personagem que é chamado de estrangeiro, mesmo se sentindo mais integrado à identidade angolana “falsa”, também sugere pontos em comum com as experiências do autor.

Mas *O vendedor de passados* vai além de um registro de memórias, isto é, na medida que se realiza também como texto ficcional – gozando, portanto das liberdades que esta condição textual oferece ao autor da narrativa – a obra provoca o leitor a refletir sobre o tema da memória, sua complexidade, sua vulnerabilidade. A trama gira em torno da memória transformada em objeto de consumo, passível de ser comercializada e adaptada ao gosto do freguês. Nota-se que esta relativização da força inaugural da memória se vincula, simultaneamente, ao processo recente – ou, se preferirmos dizer, pós-moderno – de falência das grandes narrativas. Ou seja, de uma memória relativa, dificilmente se pressupõe o surgimento de uma narrativa absoluta, plena dos sentidos inaugurais que moldam o comportamento e os valores de gerações e gerações. Dessa outra memória comercializável nasce, sim, a fratura da narrativa, a ironia e a dúvida no que tange à permanência dos sentidos. Félix Ventura inventa memórias para seus clientes, entretanto, não se julga “um falsário, um homem que traficava memórias, que vendia o passado, secretamente, como outros contrabandeiam cocaína” (AGUALUSA, 2004, p. 16) como o haviam descrito ao estrangeiro. Félix se considera um escritor:

- Acho que aquilo que faço é uma forma avançada de literatura -, confidenciou-me. – Também eu crio enredos, invento personagens, mas em vez de os deixar presos dentro de um livro dou-lhes vida, atiro-os para a realidade. (AGUALUSA, 2004, p. 75)

---

<sup>27</sup> [http://www.revistasarara.com/int\\_cavaqueiras.htm](http://www.revistasarara.com/int_cavaqueiras.htm)

Em entrevista à revista eletrônica, Agualusa responde por e-mail à pergunta: Em que você acredita e no que não acredita? Agualusa: - Pergunta vastíssima. Acredito que a humanidade pode se tornar melhor. Acredito que um dia não haverá exércitos. Não acredito em raças. [...]

Félix tece um discurso que, como os demais discursos, é passível de crítica e de interpretação, desde que não haja algum empecilho, por exemplo, uma situação de exceção política, tal como nos regimes ditatoriais que impõem vigilância e censura aos agentes sociais. Aquilo que acredita (ou prefere acreditar) ser criação, imaginação, é interpretado como falsidade. Mas quais são os limites entre criação e falsidade? Certamente, não é uma questão fácil e as possibilidades de interpretação parecem ser um fator complicador. Em sonhos, o estrangeiro comenta com a osga ter assistido a uma entrevista, onde um jogador de basquete, “um tipo ingênuo, a queixar-se dos jornalistas” afirma: “escrevem aquilo que eu disse, e não aquilo que eu queria dizer” (AGUALUSA, 2004, p. 133). A informação, na forma de um comentário “à parte”, parece introduzida apenas para provocar a reflexão. Certamente, nem sempre se diz o que realmente se queria dizer, ou seja, nem sempre é possível encontrar a representação ideal para os nossos pensamentos, de forma a sermos compreendidos como queríamos, o que pode causar interpretações equivocadas. Este e outros comentários paralelos à trama, que encontramos nos sonhos da osga, vêm fornecer pistas para a reflexão. Em outra ocasião, a osga e o estrangeiro, conscientes de que estão sonhando, conversam sobre o fato enquanto jogam xadrez:

- Acha então que esta conversa é real?

- A conversa, certamente, as circunstâncias é que carecem de substância. Há verdade, ainda que não haja verossimilhança, em tudo o que o homem sonha. [...]

- A verdade é improvável.

Sorriu num relâmpago:

-A mentira -, explicou, - está por toda a parte. A própria natureza mente. O que é a camuflagem, senão uma mentira? O camaleão disfarça-se de folha para a iludir a pobre borboleta. Mente-lhe dizendo, fica tranqüila, minha querida, não vês que sou apenas uma folha muito verde ondulando ao vento? – e depois atira-lhe a língua, a uma velocidade de seiscentos e vinte e cinco centímetros por segundo, e come-a.

[...]

- Abomino a mentira porque é uma inexatidão.

José Buchmann reconheceu as palavras. Considerou-as um instante, medindo-lhes a solidez e a mecânica; a eficácia:

-Também a verdade costuma ser ambígua. Se fosse exata não seria humana.

– Ganhava animação á medida que falava: - você citou Ricardo Reis. Dê-me licença para citar Montaigne – nada parece verdadeiro que não possa parecer falso. Existem dezenas de profissões nas quais saber mentir é uma virtude. Estou a pensar nos diplomatas, nos estadistas, nos advogados, nos atores, nos escritores, nos jogadores de xadrez. Estou a pensar no nosso comum amigo, o Félix Ventura, sem o qual não nos teríamos conhecido. [...]

(AGUALUSA, 2004, p. 131-133).

Limites entre realidade e fantasia, verdade e mentira, são proposições que vêm colaborar com a questão central do romance, a memória, realçando, com isso, não só a relatividade dos discursos, mas sobretudo as linhas de interesse que movem a tessitura desses discursos. Isso significa dizer que a construção da memória, ou seja, a seleção do que se tornará memória, se vincula a uma lógica de poder. Sendo parte de um processo que envolve os indivíduos e os grupos, a memória constitui uma força social empregada por ambos, no intuito de situar sua própria ação em face de outros indivíduos e grupos. Por conta dessa vinculação com domínios de poder, no dizer de Jacques Le Goff, um dos objetivos dos agentes envolvidos em sua elaboração é “Tornar-se senhores da memória e do esquecimento” (LE GOFF, 2003, p. 426), pois, a partir disso, se tornam, também, manipuladores da memória coletiva.

Esses confrontos são delineados na estrutura de *O vendedor de passados*, onde o exemplo mais evidente é o livro de memórias do Ministro, que perpetuará as suas falsas, mas gloriosas memórias e relegará ao esquecimento as verdadeiras, não tão nobres. O poder sobre o que será lembrado e esquecido fica restrito a uma elite econômica e política, já que o torturador, por exemplo, excluído do grupo porque a lógica de poder sofreu alterações e não se adaptou à nova ordem, não tem acesso a um novo passado, sendo obrigado a viver à margem da sociedade. Considerando tais perspectivas, é possível criar uma linha de interpretação para os procedimentos da osga, que ao narrar o romance, registra o despertar de suas memórias e divide conosco suas ponderações:

Sim, também eu não sou o mesmo de ontem. A única coisa que não muda é o meu passado: a memória do meu passado humano. O passado costuma ser estável, está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre. Eu acreditava nisso antes de conhecer Félix Ventura. (AGUALUSA, 2004, p. 59)

Traçando um paralelo entre as memórias individuais da osga e a história de colonização em Angola, encontramos posição semelhante em Manuel Ferreira, para quem, após a colonização, nada voltará a ser como antes, pois “as transformações operadas são irreversíveis”. Segundo ele, já que é inútil tentar voltar atrás, a possibilidade encontra-se na reelaboração: “Agora a nação, sendo africana, é certo, reelabora, no entanto, contribuições estranhas no esforço da reapropriação total” (FERREIRA, 1989, p. 36-37). De volta às reflexões da osga, podemos concluir que se não é possível voltar atrás no tempo para mudar o passado, pois o que está feito, está feito, o mesmo não se pode dizer a respeito da apropriação

que fazemos dele, a memória, cuja inexatidão é provocada pelo distanciamento no espaço e no tempo:

A memória é uma paisagem contemplada de um comboio em movimento. [...] São coisas que ocorrem diante dos nossos olhos, sabemos que são reais, mas estão longe, não as podemos tocar. Algumas estão já tão longe, e o comboio avança tão veloz, que não temos certeza de que realmente aconteceram. (AGUALUSA, 2004, p. 153)

A metáfora sugere que a memória se constrói na relação entre o observador e o evento. Os fatos, em posição estática, vão sofrer diferentes olhares de acordo o observador e sua posição, permitindo, para além do esquecimento, a manipulação, a invenção da memória. (Em “As mulheres do meu pai”, o autor retoma a metáfora como linha condutora da narração: através do que observa durante uma viagem de comboio, o ficcionista elabora as memórias de uma jovem em busca da sua “verdadeira identidade”.)

No romance, o estrangeiro contratou os serviços de Félix para adquirir uma identidade angolana, não apenas documentos falsos, mas uma história, uma família, memórias. José Buchmann é um exemplo da ficção que Félix atira para a realidade e a osga comenta o resultado da criação, observando que a percepção do presente pode ser diferente se olhar para o passado, acrescentando mais uma reflexão sobre o tema da memória:

Vi-o chegar a esta casa com a esta casa com um extraordinário bigode de cavalheiro do século XIX, e um fato escuro, de corte antiquado, como se fosse estrangeiro a tudo. Vejo-o agora, dia sim, dia não, entrar pela porta de camisa de seda, em padrões coloridos, com a gargalhada larga e a alegre insolência dos naturais do país. [...] Olhando para o passado, contemplando-o daqui, como contemplaria uma larga tela colocada à minha frente, vejo que José Buchmann não é José Buchmann, e sim um estrangeiro a imitar José Buchmann. Porém, se fechar os olhos para o passado, se o vir agora, como se nunca o tivesse visto antes, não há como não acreditar nele – aquele homem foi José Buchmann a vida inteira. (AGUALUSA, 2004, p. 65)

No decorrer da trama percebemos que a mentira é o que há de mais verdadeiro em José Buchmann e para entender esse paradoxo, é necessário recuar mais no passado do que a osga recuou (o momento em que o conheceu), seria preciso voltar ao passado de José Buchmann quando este ainda era Pedro Gouveia, filho de colonos portugueses, criado em Angola. A osga esclarece com um exemplo:

- É como o Castelo de São Jorge, em Lisboa, conheces? Tem ameias, mas as ameias são falsas. Antonio de Oliveira Salazar ordenou que se acrescentassem as ameias ao castelo para que este ficasse mais verídico. Um castelo sem ameias parecia-lhe um erro, eu sei lá, algo até vagamente monstruoso, como um camelo sem bossas. O que há de falso no Castelo de São Jorge é o que o torna verossímil. (AGUALUSA, 2004, p. 139)

De forma didática, a osga vai acrescentando informações que apontam caminhos para a compreensão do processo de criação de Félix e para o cenário social que o romance apresenta:

Félix costura a realidade com a ficção, habilmente, minuciosamente, de forma a respeitar datas e factos históricos. O Ministro dialoga no livro com personagens reais (em alguns casos com Personagens Reais) e convém que tais personagens, amanhã, acreditem que trocaram com ele, realmente, confidências e pontos de vista. A nossa memória alimenta-se, em larga medida, daquilo que os outros recordam de nós. Tendemos a recordar como sendo nossas as recordações alheias – inclusive as fictícias. (AGUALUSA, 2004, p. 139).

A literatura rompe suas fronteiras para dialogar com outros campos de estudo da cultura. Através de um discurso parodístico, Agualusa relativiza o poder de “verdade” do discurso sociológico e amplia o sentido de verossimilhança do discurso ficcional ou literário. O trecho acima destacado permite entrever a reinterpretação dos conceitos de Halbwachs, que afirma:

a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 2004, p. 75-76).

Segundo o sociólogo, podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido, ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A lembrança, “é uma imagem engajada em outras imagens” (HALBWACHS, 2004, p. 76-78). Para Halbwachs, as lembranças podem ser simuladas quando, ao entrar em contato com as lembranças de outros sobre pontos comuns em nossas vidas, acabamos por expandir nossa percepção do passado, contando com informações dadas por outros integrantes do mesmo grupo. Halbwachs afirma ainda que não

há memória que seja somente “imaginação pura e simples”, ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, pois todo o processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito (HALBWACHS, 2004, p. 78-81).

Paralelamente às teorias da osga, transcorre uma história que vai ilustrá-las, já que os personagens do romance estão às voltas com as memórias. Além do narrador que é invadido pelas lembranças da vida anterior, Félix inventa memórias para seus clientes, ancoradas nas memórias do grupo, para que sejam verossímeis. De acordo com a osga, as lembranças da infância de Félix também passam por um processo criativo: “Invejo a infância dele. Pode ser falsa. Ainda assim a invejo.” (AGUALUSA, 2004, p. 97). Neste caso, a invenção está vinculada ao distanciamento no tempo e no espaço. Seu ponto de vista sobre essas lembranças leva em conta sentimentos e percepções que só existem no tempo da infância. A Gabela, região do interior onde passava as férias, espaço onde a natureza é soberana, opõe-se ao mundo urbano da idade adulta:

Só somos verdadeiramente felizes, quando é para sempre, mas só as crianças habitam esse tempo, no qual todas as coisas duram para sempre. Eu fui feliz para sempre na minha infância, lá na Gabela, durante as férias grandes, enquanto tentava construir uma cabana nos troncos de uma acácia. (AGUALUSA, 2004, p. 96).

José Buchmann, o estrangeiro, utiliza-se de falsas memórias para ir ao encontro das verdadeiras. Ângela Lúcia carrega no corpo as marcas da tortura, mas o que sabe de seu passado foi-lhe contado pela tia que a criou, ou seja, suas memórias foram construídas através das lembranças alheias. Barata dos Reis, assim como Félix, estudou no Liceu Salvador Correia e foi aluno do professor Gaspar, conhecido por insistir em salvar palavras do esquecimento. Félix reconhece-o ao utilizar uma dessas palavras - “pópilas” - e os dois trocam memórias daquele tempo. Já estiveram, portanto, do mesmo lado, pertenceram à mesma tribo, mas as circunstâncias políticas os colocaram em posições distintas. Hoje é “ex-Agente do Ministério da Segurança do Estado”, memória viva dos excessos que o governo quer esquecer:

Não tinha vergonha de gritar – “sou comunista!”, numa altura em que os seus chefes já só murmuravam, baixinho, “fui comunista”, e continuou a bradar, “sou comunista, sim, sou muito marxista-leninista!”, mesmo depois que a versão oficial passou a negar o passado socialista do país. (AGUALUSA, 2004, p. 158)

Já a Velha Esperança, que carrega o neto (o futuro) amarrado às costas, guardiã das tradições das populações autóctones, permanece marginalizada mesmo após a descolonização. Apenas a osga, que acumula as experiências de duas vidas, sabe que é importante ouvi-la:

A Velha Esperança, essa, acha que são os muros que fazem os ladrões. Ouvi-a dizer isto a Félix. O albino encarou-a divertido:

- Querem lá ver que tenho uma anarquista em casa?! Daqui a pouco descubro que anda a ler Bakunine.

Disse isto e não lhe prestou mais atenção. Ela nunca leu Bakunine, claro; aliás nunca leu livro nenhum, mal sabe ler. Todavia venho aprendendo muita coisa sobre a vida no geral, ou sobre a vida neste país, que é a vida em estado de embriaguez, ouvindo-a falar sozinha, ora num murmúrio doce, como quem canta, ora em voz alta, como quem ralha, enquanto arruma a casa. (AGUALUSA, 2004, p. 11)

Neste momento, parece oportuno trazer para a análise os estudos de Eric Hobsbawm, cujo objeto de interesse inclui o desenvolvimento das tradições. De acordo com o sociólogo, “Pode ser que muitas vezes se inventem tradições, não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis, mas porque eles deliberadamente não são usados nem adaptados.” (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 16)

Diríamos, então, que a Velha Esperança, que acompanha a família de Felix desde o período colonial, pois está presente desde as memórias de sua infância, ilustra a proposição de Hobsbawm, mostrando que os velhos costumes têm permanecido disponíveis, embora em posição subalterna e desacreditada, desde a colonização. Ainda de acordo com Hobsbawm, o fato favorece o surgimento de tradições inventadas:

Assim, ao colocar-se conscientemente contra a tradição e a favor das inovações radicais, a ideologia liberal da transformação social, no século passado, deixou de fornecer os vínculos sociais e hierárquicos aceitos nas sociedades precedentes, gerando vácuos que puderam ser preenchidos com tradições inventadas. (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 16)

Para ele, “a invenção das tradições ocorre com mais frequência quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as 'velhas' tradições foram feitas” (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 12).

Conforme foi dito anteriormente, o momento da sociedade angolana a que *O vendedor de passados* se refere é resultado de profundas transformações. Com a independência, Angola,

ao contrário do que aconteceu no Brasil, por exemplo, foi descolonizada e as velhas estruturas sociais desconstruídas. Na tentativa inútil de apagamento da presença do colonizador, várias cidades fundadas pelos portugueses foram rebatizadas com nomes que remetem à cultura autóctone: Nova Lisboa, cidade natal de Agualusa, passou a chamar-se Huambo, Porto Alexandre agora se denomina Tômbwa, Sá da Bandeira recebeu o nome Lubango, entre outras. O mesmo aconteceu a instituições tradicionalmente portuguesas, como o Liceu Salvador Correia, primeira instituição de ensino secundário em Angola (1919), que após a independência recebeu o nome de Mutu Ya Kavela, em homenagem ao soba do Bailundo que liderou uma revolta contra as autoridades portuguesas em 1902, no planalto central de Angola<sup>28</sup>.

Agualusa traz para a ficção esses fatos, que revelam, a exemplo do que Hobsbawm aponta, que as tradições inventadas, surgindo como reações a situações novas, “ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória.” (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 10). No livro, Félix inventa para o Ministro de *O vendedor de passados* um avô descendente de Salvador Correia que, ao contrário do que o político imaginava (e certamente a maior parte da comunidade), não era português e sim um brasileiro ilustre, que participou da expulsão dos holandeses em Angola. De posse desta informação, o Ministro resolve recuperá-lo do esquecimento e lutar para que o liceu volte a ter seu nome, principalmente porque o parentesco lhe trará status, ajudando a justificar a posição que ocupa na sociedade.

Este processo de invenção de tradições não é inédito em Angola. Terence Ranger, no tópico “A invenção da tradição na África colonial”, que integra o livro *A invenção das tradições*, organizado pelo próprio e por Eric Hobsbawm, observa que na mesma época em que se inventavam tradições na Europa que justificavam o surgimento de nações, os colonizadores europeus inventaram tradições que legitimaram a situação de dominação nas colônias: “Os colonizadores basearam-se nas tradições inventadas européias, tanto para definir quanto para justificar sua posição, e também para fornecer modelos de subserviência nos quais foi às vezes possível incluir os africanos.” (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 219)

Para Ranger, as tradições inventadas nas colônias africanas faziam parte da “necessidade urgente de tornar a atividade européia na África mais respeitável e organizada” (HOBSBAWM & RANGER, 1997, p. 219), consolidando-se através das instituições coloniais, como a escola e o exército, e com o auxílio da igreja. Com o tempo, os africanos souberam adaptar esse modelo para os processos de dominação no interior de seus grupos,

<sup>28</sup> <http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=13391&catogory=Brasil>

modelo que, na ficção de Agualusa, permanece sendo amplamente utilizado. Em *O vendedor de passados*, a nova elite angolana que substituiu a colonial inventa memórias que justifiquem as posições políticas e sociais que ocupa e legitimem o sistema de dominação em vigor, enquanto a população em geral se reorganiza, se reinventa, de forma a garantir sua sobrevivência no novo cenário.

Por outro lado, lembramos que o processo de invenção das tradições pôde ser articulado como uma estratégia de fundação de mitos e heróis nacionais, cuja importância se fez notar nos momentos de luta contra o colonialismo europeu em várias regiões da África. O discurso sobre tradição, tanto quanto sobre a identidade, se constrói nos limites da relatividade, isto é, se exprime como fonte mutável de significados que, por sua vez, alimentam procedimentos e interpretações da vida social, também permeados pelo signo da transformação, da instabilidade e da fragmentação. Mais do que ser um pesadelo, essa variância dos sentidos e fatos sociais parece se constituir como uma das marcas das sociedades pós-coloniais, nas quais conflitam e dialogam elementos das antigas hierarquias e das novas reivindicações dos sujeitos da contemporaneidade.

### 3.2 A invenção das identidades

Em conferência proferida no Brasil, Michael Pollack falou da relação entre “memória e identidade social”<sup>29</sup>. O sociólogo, que se apóia nos estudos de Halbwachs, no sentido de que a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social e, portanto, submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes, inclui como elemento constitutivo da memória a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento, tema predominante em *O vendedor de passados*. Para Pollack, sendo a memória um fenômeno construído social e individualmente, verifica-se “uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”. De acordo com seu pensamento,

---

<sup>29</sup> Pollak esteve no Brasil entre outubro e dezembro de 1987, como professor visitante do CPDOC e do PPGAS do Museu Nacional. Na ocasião, proferiu no CPDOC conferência em que tratou da ligação entre a memória e a identidade social. A conferência foi transcrita e traduzida por Monique Augras e a edição é de Dora Rocha, publicada na revista de *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.*

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK, 1992, p. 5)

Tal perspectiva permite compreender que Agualusa se debruce sobre a memória em busca da identidade, já que afirma escrever “pela razão que levou à escrita a maior parte dos escritores africanos ou angolanos: a procura da identidade: afinal, quem é que sou, quem somos nós, no meio desta situação?”<sup>30</sup> Pollack utiliza o sentimento de identidade no sentido da imagem que o indivíduo constrói de si, para si e para os outros, de forma a acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebido da maneira como quer ser percebido pelos outros. No romance, este processo de construção da imagem, para si e para os outros, pode ser encontrado no procedimento do Ministro, representando a elite política angolana, e ainda no do estrangeiro que não quer ser visto como tal. Ambos constroem a imagem com que desejam ser percebidos, amparada pela memória que garante o sentimento de continuidade e a coerência. Como desejam uma imagem que não corresponde à realidade, a memória precisa ser “negociada”. Segundo Pollack, se a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade, assim como a construção da memória, podem ser negociadas:

Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos. (POLLACK, 1992, p. 5)

Às questões que Agualusa coloca, “afinal, quem é que sou, quem somos nós, no meio desta situação?”, acrescentamos as que Stuart Hall faz em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*: “A categoria da identidade não é, ela própria, problemática? É possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral?” (HALL, 2004, p. 84) Para o crítico cultural Kobena Mercer, citado por Hall, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER *apud* HALL, 2004, p. 9).

---

<sup>30</sup> Em entrevista a Antônio Carvalho, jornal *Diário de Notícias* de 01/08/1998.

As dúvidas de Agualusa – visto aqui, não só como uma individualidade, um “eu” demarcado, mas como a representação de várias individualidades – são traduzidas nas experiências de seus personagens, marcados pelas particularidades da história de Angola, mas em relação direta com o que Hall acredita estar deslocando ou fragmentando o sujeito da modernidade tardia, de modo geral: as mudanças estruturais e institucionais que atingem as sociedades modernas do final do século XX, produzindo o que Hall chama de sujeito pós-moderno:

conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.” Que “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.” Dentro do qual “há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2004, p. 12-13)

Ao contrário do senso comum e do pensamento neo-colonialista que situam os sujeitos do continente africano num permanente estado de tradição – tradição entendida aqui, de modo equivocado como clausura no passado e imobilismo –, esses sujeitos africanos, múltiplos e diferenciados uns dos outros, se inserem também na linha de contato com temas das chamadas sociedades modernas do mundo ocidental. O próprio processo de colonização européia aproximou problemáticas da modernidade às várias regiões do continente africano, principalmente através do fomento do tráfico de mão-de-obra que contribuiu para o processo de acumulação capitalista nas antigas metrópoles. Por isso, um dos aspectos instigantes da obra de Agualusa decorre justamente dessa abordagem dos dramas de um sujeito africano – neste caso, através do recorte de um certo sujeito angolano – inserido nos domínios da modernidade tardia, ao mesmo tempo em que tangencia os valores, os dilemas e os modos de relacionamento procedentes das culturas locais, especificamente as de Angola, em se tratando da narrativa de Agualusa. Diríamos que o sujeito pós-moderno de que fala Stuart Hall, “confrontado por uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderia se identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2004, p. 13), está presente em *O vendedor de passados*, de forma muito nítida, na maioria de seus personagens, contrariando o estereótipo do sujeito africano voltado para as suas raízes, concentrado somente na recuperação de suas tradições.

A epígrafe de Jorge Luis Borges se apresenta como um índice para a discussão de temas relacionados à multiplicidade das identidades, bem como das possibilidades que o futuro abre, como uma provocação ao sujeito:

Se tivesse de nascer outra vez escolheria algo totalmente diferente. Gostaria de ser norueguês. Talvez persa. Uruguaio não, porque seria como mudar de bairro”.

Assim, Eulálio reencarna no corpo de uma osga, cuja imagem tanto pode sugerir ligação com os répteis do 27 de maio, como representar a encarnação do próprio Borges, em um lugar totalmente diferente, satisfazendo seu desejo. Em um de seus sonhos, Eulálio caminha nas ruas de uma cidade “alheia”, entre “pessoas de todas as raças, de todas as crenças e de todos os sexos” (AGUALUSA, 2004, p. 31) sem ser visto, ou seja, sem ser reconhecido por nenhum grupo. A paisagem cultural que descreve apresenta o mosaico de identidades que constituem o espaço transnacional das grandes metrópoles:

Homens de negro, óculos escuros, segurando pastas. Monges budistas, rindo muito, alegres como laranjas. Mulheres diáfnas, gordas matronas com carrinhos de compras. Adolescentes magras, em patins, breves aves esgueirando-se entre a multidão. Meninos em fila indiana, com fardas escolares, o de trás segurando a mão do que vai na frente, na frente de todos uma professora, atrás de todos outra professora. Árabes de djelaba e solidéu. Carecas passeando pela trela cães assassinos. Polícias. Ladrões. Intelectuais absortos. Operários em fato macaco. Ninguém me vê. Nem sequer os japoneses, em grupos, com máquinas de filmar, e olhos estreitos atentos a tudo. (AGUALUSA, 2004, p. 31)

Eulálio se depara com a fragmentação das identificações que davam sustentação ao indivíduo. A noção binária de gênero, por exemplo, foi ampliada. Por isso caminha entre pessoas “... de todos os sexos” quando anteriormente julgava “que só houvesse dois” (AGUALUSA, 2004, p. 31). A identidade, que segundo Hall “costurava”<sup>31</sup> o sujeito à estrutura (HALL, 2004, p. 12), está se fragmentando:

Um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas

---

<sup>31</sup> Obs.: Félix também “costura” as identidades de seus clientes à estrutura social, de forma a conseguir para eles uma identificação estável.

transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo. (HALL, 2004, p. 9)

O sonho de Eulálio, que já se repetia na vida passada, reflete o seu deslocamento e a falta de identificação produz um sentimento de angústia: “Lembro-me de acordar depois com a boca amarga e o coração cheio de angústia” (AGUALUSA, 2004, p. 31). Chegou a pensar em se matar.

Por outro lado, Félix Ventura encontra identificações nas possibilidades diversas que se lhe apresentam. Félix pode ser identificado como o sujeito africano contemporâneo a que se refere Eliana Reis, ao abordar a literatura do nigeriano Soyinka: “o sujeito africano contemporâneo resulta da articulação e negociação das tradições culturais nativas, da civilização ocidental e, finalmente, da tradição cosmopolita que caracteriza a atual sociedade transnacional.” (REIS, 1999, p. 34)

A origem de Félix é desconhecida, foi abandonado na porta do pai adotivo, dentro de uma caixa de exemplares de *A Relíquia*<sup>32</sup>, de Eça de Queiroz - a cultura do colonizador português. A cor de sua pele também sugere indefinição, pois sendo albino, Félix é um negro de pele extremamente branca, algo que após a independência pode colocar em dúvida a identidade angolana. Félix sabe disso e vê no fato do estrangeiro ser branco, um impedimento para lhe conseguir uma identidade angolana falsa:

- Não! -, conseguiu dizer. – isso eu não faço. Fabrico sonhos, não sou um falsário... Além disso, permita-me a franqueza, seria difícil inventar para o senhor toda uma genealogia africana.  
 - Essa agora! E por quê?!...  
 - Bem... O cavalheiro é branco!  
 - E então?! Você é mais branco do que eu!...  
 - Branco eu?! -, o albino engasgou-se. Tirou um lenço do bolso e enxugou a testa: - Não, não! Sou negro. Sou negro puro. Sou um autóctone. Não está a ver que sou negro?...(AGUALUSA, 2004, p. 18)

Ser negro, “negro puro” garante o pertencimento ao grupo, enquanto que ser branco, ainda que mestiço, pode significar a exclusão. Mas, a exemplo do que Hall preceitua, as

---

<sup>32</sup> No romance de Eça, Teodorico também inventa para a tia que o adotou uma vida beata que não tem.

identidades de Félix e do desconhecido foram “definidas historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2004, p. 13). Se ser negro garante representar a cultura autóctone, enquanto que ser branco remete obrigatoriamente à cultura europeia, a indefinição da cor da pele de Félix é uma alegoria do espaço de diálogo entre as culturas. Sua casa, comparada a “um barco cheio de vozes”, guarda pilhas de livros, recortes de jornais, pinturas, fotografias, fitas de vídeo-cassete, discos, um verdadeiro museu das diversas culturas que o expansionismo europeu colocou em contato favorecendo, portanto, o desdobramento de relações caracterizadoras de uma ordem social globalizada. Félix escuta música brasileira, come comida portuguesa, lê autores ingleses, transitando confortavelmente entre culturas diversas que o representam, numa “celebração móvel” da identidade: “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpolados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 2004, p. 13)

O estrangeiro, mais novo cliente de Félix, errou pelo mundo antes de chegar a Angola. Durante esse período, teve muitos nomes, ou seja, assumiu identidades diferentes em diferentes momentos, diríamos com Hall, ou negociou identidades, como diria Pollack. Os sotaques variados que acumulou são indícios de que “em vez de falar em identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar em identificação, e vê-la como um processo em andamento.” (HALL, 2004, p. 39)

Não consegui pelo sotaque adivinhar-lhe a origem. O homem falava docemente, com uma soma de pronúncias diversas, uma sutil aspereza eslava, temperada pelo suave mel do português do Brasil. Félix Ventura recuou:

- Quem é você? (AGUALUSA, 2004, p. 16)

Mas segundo Hall, “Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude.” (HALL, 2004, p. 39) Assim, os clientes de Félix recorrem ao especialista em busca de uma identidade unificada e coerente, o que requer uma “fantasia”:

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2004, p. 13)

De acordo com Hall, “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida.” (HALL, 2004, p. 21) Assim, José Buchmann vai, aos poucos, assumindo a nova (falsa?) identidade e abandonando a antiga (verdadeira?):

- Você inventou-o, a esse estranho José Buchmann, e agora ele começou a inventar-se a si próprio. A mim parece uma metamorfose... Uma reencarnação. Ou antes: uma possessão.
- O meu amigo olhou-me assustado:
- o que quer dizer?
- José Buchmann, será que não percebe?, apoderou-se do corpo do estrangeiro. Ele torna-se mais verídico a cada dia que passa. O outro, o que havia antes, aquele sujeito nocturno que entrou pela nossa casa há oito meses, como se viesse, nem digo de outro país, mas de uma outra época, onde está ele?
- É um jogo. Sei que é um jogo. Sabemos todos. (AGUALUSA, 2004, p. 73)

Diríamos com Hall que se trata do “jogo de identidades” (HALL, 2004, p. 18).

Perguntado se a identidade está na biologia ou nas escolhas que fazemos, Agualusa respondeu em entrevista<sup>33</sup>: “Nas escolhas. Nos caminhos que percorremos. A identidade constrói-se caminhando.” O personagem José Buchmann/Pedro Gouveia confirma o pensamento do autor, que pode ser amparado pelo de Hall:

a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. (HALL, 2004, p. 38)

Ser angolano, ou português, são possibilidades que se apresentam a José Buchmann. Ele já foi Pedro Gouveia, colono português que passou três anos preso, acusado de participação no “27 de maio”, e expulso de Angola ao sair da prisão. Na cadeia diziam-lhe que em Portugal era o seu lugar, mas não se sentia português. Ao que parece, os símbolos que produzem a identidade portuguesa não têm significação para ele:

---

<sup>33</sup> Entrevista publicada a 13 de agosto de 2007, na série Farpas do *Jornal de Notícias*.  
<http://jnverao.blogs.sapo.pt/12458.html>

Fui para Portugal nos anos sessenta, estudar direito, mas não gostei do clima. Fazia muito silêncio. Fado, Fátima, futebol. No inverno que podia acontecer a qualquer altura do ano, e normalmente acontecia, baixava do céu uma chuva de algas mortas. As ruas escureciam. As pessoas morriam de tristeza. (AGUALUSA, 2004, p. 81)

Vagou pelo mundo até voltar a Angola, onde finalmente se sente em casa:

[...] Dói-me na alma um excesso de passado e de vazio. Sinto-me como esse velho. [...] – E todavia estou vivo. Sobrevivi. Comecei a compreender isso, por estranho que lhe possa parecer, ao desembarcar em Luanda. À vida, pois! A Angola que me resgatou para a vida. A este propício vinho, que comemora e une. (AGUALUSA, 2004, p. 40)

O sentimento de José Buchmann parece ilustrar a formulação do filósofo Roger Scruton:

A condição de homem exige que o indivíduo embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar. (SCRUTON apud HALL, 2004, p. 48)

Essa necessidade de identificação do indivíduo como membro de algo mais amplo, que reconhece instintivamente como seu lar, seria preenchida com a identidade nacional? Hall nos adverte de que as identidades nacionais “não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial” (HALL, 2004, p. 47) O pensamento de Ernest Gellner, citado por Hall, referenda sua proposição:

Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. Tudo isso parece óbvio, embora, sinto, não seja verdade. Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro é, de fato, um aspecto, talvez o mais central, do problema do nacionalismo. Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal. (GELLNER apud HALL, 2004, p. 48)

*O vendedor de passados* oferece um leque de interpretações acerca da questão das identidades que se entrelaçam. O “Jogo de Identidades” chega ao ápice na história

aparentemente paralela do Presidente da ficção, sucessivamente substituído por duplos. Um deles, por ser canhoto, reproduz fielmente a imagem do Presidente vista num espelho, o que pode ser interpretado como a inevitável confrontação das identidades contraditórias que residem no sujeito pós-moderno. Ao final do romance, um novo cliente procura Félix para trocar a sua “verdade impossível” por uma “mentira vulgar e convincente”, querendo uma identidade “simples e sólida” (AGUALUSA, 2004, p. 185), um passado humilde e sem glória, ao contrário do que deseja a maioria dos clientes de Félix. (A maioria dos textos de Agualusa reafirma a idéia de que a realidade se apresenta muito mais fantástica do que a fantasia que qualquer ficcionista possa imaginar.) Conta que um dia acordou numa clínica e seu rosto havia sido trocado por outro, desconhecido, numa cirurgia plástica. A mala cheia de dólares e os agradecimentos pelos serviços prestados sugerem a participação do presidente num jogo de poder acima da própria nação. Depois de um período de angústia, a liberdade que o anonimato proporciona acaba por fazê-lo sentir-se aliviado:

Depois, numa tarde como esta, sozinho na esplanada de um bar, na ponta da Ilha, comecei a desfrutar de uma sensação maravilhosa. Não sabia que nome lhe dar. Agora sei – liberdade! Esta situação transformou-me num homem livre. Tenho meios. Tenho acesso a contas, lá fora, que me permitem viver tranqüilo até o último dos meus dias. Em contrapartida não me pesam as responsabilidades, as críticas, os remorsos, as invejas, os ódios, os rancores, as intrigas da corte, menos ainda o terror que alguém me traia. (AGUALUSA, 2004, p. 186)

A história dos duplos, contada pelo louco, poderia ser visto como mais uma ilustração da multiplicidade de identidades. Afinal, Félix também se refere a um duplo que ele inventou para si mesmo e que o ajudou a enfrentar os tempos difíceis. A osga seria um duplo de alguém que viveu antes, José Buchmann pode ser considerado o duplo do colono Pedro Gouveia e mesmo Ângela Lúcia tem seu duplo na criança que não conhecia sua verdadeira identidade. Mas não devemos esquecer que vozes marginais, como a do louco, têm o poder de dizer o que ninguém mais pode falar, e a aparição do próprio Presidente (ou um de seus duplos?) ao final do livro, dizendo que “- Todas as histórias estão ligadas. No fim tudo se liga. [...] Mas só alguns loucos, muito poucos e muito loucos, são capazes de compreender isso.” (AGUALUSA, 2004, p. 186), aponta para a conexão com a realidade, onde a liberdade de expressão ainda é insípida.

Para garantir um controle amplo sobre Angola, Agostinho Neto assumiu simultaneamente vários papéis, desde Presidente da República, a Chefe do Estado Maior

General das Forças Armadas e reitor da Universidade de Angola, controlando ainda pessoalmente as finanças da nação. No exercício desses múltiplos papéis, Angola assistiu à substituição do poeta humanista, do período de luta anticolonial, pelo político autoritário do período pós-independência. A substituição automática após a sua morte, sem eleições, por José Eduardo dos Santos (um duplo?), deu continuidade ao longo governo do MPLA, atravessado por uma metamorfose ideológica, que vai do socialismo ao capitalismo sem deixar de ser autoritário, deixando para trás um rastro de arbitrariedades impunes.

Não apenas na história do Presidente, mas em todas as histórias particulares dos personagens de *O vendedor de passados*, - histórias de invenção de identidades, de identidades múltiplas, fragmentadas, e por vezes contraditórias -, para sobre os sujeitos envolvidos, num plano mais amplo, a forma como são colocados em termos de suas identidades nacionais, o pertencimento à nação.

A invenção das identidades também foi explorada por Pepetela em *Predadores*, romance lançado em 2005. Na ficção, José Caposso, de origem humilde, descobre que para subir na vida em Luanda depende do partido dominante, o MPLA. Assim, inventa um passado e um nome mais revolucionário, que lhe vão permitir ter acesso a um lugar na nova elite e conduzi-lo em sua trajetória de enriquecimento. A reincidência do tema e a forma como é tratado apontam, assim como em *O vendedor de passados*, para a desconstrução da idéia romântica do Estado-nação.

### 3.3 O discurso da nação e a construção da identidade nacional

Os conceitos que Stuart Hall utiliza em *Identidade cultural na pós-modernidade* e Benedict Anderson em *Comunidades imaginadas* foram extremamente úteis para a abordagem desta seção, entre outros aspectos, por nos permitirem constatar a existência de pontes de diálogo entre o mundo ocidental e a África, sobretudo na contemporaneidade, quando as fronteiras geográficas e culturais parecem menos marcadas que em outras épocas.

Em *Comunidades imaginadas*, Benedict Anderson define como nação “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana”. Para esclarecer porque é imaginada, afirma que “mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p. 32). Anderson acredita que era a essa imagem que Ernest Renan se referia quando declarou que “a essência de uma nação consiste em que todos os

indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas”. Quanto à formulação de Gellner sobre o assunto, de que “o nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele inventa nações onde elas não existem”, Anderson observa que, na tentativa de mostrar que o nacionalismo se mascara sob falsas aparências, Gellner acaba identificando “invenção” com “falsidade” e não com “imaginação” e “criação”, e este se torna o inconveniente da formulação (ANDERSON, 2008, p. 32-33).

No conjunto, as proposições acima facilitam os primeiros passos para compreender a recente construção social que são as nações modernas. As próprias concepções apresentadas evidenciam o caráter abstrato do conceito e as dificuldades para lidar com as interpretações possíveis. Entretanto, ao trazer as referidas proposições para o contexto angolano, tendemos a pensar que, de certa forma, a nação ainda se encontra em processo de consolidação. Os limites da nova nação foram traçados pelo colonialismo e continuaram a reunir as diversas organizações sociais que pré existiam ao colonizador, agora somadas às sociedades mestiças que resultaram da colonização. Estender a todos que a constituem “a imagem viva da comunhão entre eles” parece continuar a ser o grande desafio da nação angolana. Diríamos com Renan que ainda há muito por esquecer.

A exemplo das nações europeias, as africanas têm na sua origem populações de caráter híbrido e múltiplo. Eliana Reis lembra que assim como a Europa, o continente africano não se manteve isolado e foi marcado por invasões internas e externas desde muito antes do expansionismo europeu, contrariando a “imagem mítica da terra habitada por uma raça pura, caracterizada por costumes primitivos e semelhantes”. (REIS, 1999, p. 30) Ao contrário, os colonizadores encontraram sociedades complexas, embora tradicionais, como o reino do Congo, por exemplo. Os povos bantu, de que hoje descendem a maioria dos angolanos, foram invasores da região, conseguindo dominar os antecessores graças à sua superioridade física e técnica. Ainda de acordo com Reis, “o impacto da colonização não se explica pelo seu caráter inédito e nem mesmo por sua duração, que pode ser considerada curta se comparada às antigas histórias locais.” (REIS, 1999, p. 30) Seguindo o seu pensamento, que se apóia em Samir Amin, o que tornou o eurocentrismo diferente de outras formas de etnocentrismo foi a interligação de dois fatores, o estabelecimento da sociedade capitalista e o expansionismo geográfico, que permitiram à Europa impor os seus valores a uma grande parte do mundo. Mas, contrariando outra concepção generalizada de que o colonizador promoveu o apagamento das culturas locais, verifica-se sim que a sua presença foi sentida intensamente, mas de formas diferentes, sem conseguir concretizar a supressão das diferenças culturais. Como Manuel Ferreira esclarece:

De facto, ao fim de tantos séculos, a nação está praticamente dividida em três zonas culturais: as áreas urbanas, de forte influência europeia; as áreas do interior presas das suas raízes originárias; e uma área intermédia, de determinada desagregação étnica, pela contaminação de valores europeus, mas vivificando-se nas suas raízes primeiras. (FERREIRA, 1989, p. 37)

Os movimentos nacionalistas angolanos, surgidos pela contaminação com os ideais nacionalistas europeus, espelharam a divisão. O MPLA, que veio a se estender para a área intermediária e para o interior, tornando-se uma força nacional, nasceu na área urbana de Luanda, no seio da sociedade mestiça euro-africana. O FNLA foi o movimento mais marcadamente étnico e representou desde a sua origem a aristocracia rural do Reino do Congo, sem se expandir muito além da sua região. A UNITA foi fundada por pessoas de origem rural, a maioria educada em missões protestantes, representando várias etnias de Angola. Conforme já relatado na introdução deste trabalho, a divisão viria, ainda antes da independência, a ser explorada pela Guerra Fria, acirrando as diferenças entre os movimentos. A nação angolana encontrava-se marcada por diferenças culturais e ainda por ideologias rivais, o que, de acordo com Hall, não difere das nações ocidentais:

A maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural. ‘O povo britânico’ é constituído por uma série desse tipo de conquistas – céltica, romana, saxônica, viking e normanda. Ao longo de toda a Europa, essa estória se repete *ad nauseam*. (HALL, 2004, p. 59-60)

O Estado-nação concretizou-se através do MPLA, que se impôs como novo governo após a independência. Sem eleições e com outros movimentos reivindicando o poder de dirigir a nova nação era necessário mais do que a força militar para mantê-lo. Para representar o todo, o MPLA, essencialmente urbano e de cultura euro-africana, deu início a um longo processo de supressão das diferenças. O *slogan* “Um só povo, uma só nação”, utilizado nos anos que se seguiram à independência, veio substituir o princípio da unidade do imperialismo português cuja máxima era: “Um só Deus, uma só lei, uma só língua”. Visando a consolidação da nação, condenava o tribalismo e o regionalismo, obstáculos à unificação. A formação de uma cultura nacional era urgente. *O vendedor de passados* retrata a urgência no episódio em que o Ministro quer saber por que trocaram o nome do Liceu para Mutu Ya Kvela, se o antigo homenageado, Salvador Correia, não era um português e sim um

brasileiro. Felix responde: “- Porque queriam um herói angolano, suponho, naquela época precisávamos de heróis como de pão para a boca.” (AGUALUSA, 2004, p. 120). Segundo Hall,

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como por exemplo, um sistema educacional nacional. (HALL, 2004, p. 49-50)

Em Angola, a confirmação da proposição acima pode ser observada na expansão que a língua portuguesa obteve após a independência<sup>34</sup>. Se naquele momento, não mais do que cinco por cento da população angolana tinha o português como língua materna, sendo comum que o tivesse como segunda língua, na atualidade esse número fica acima dos quarenta por cento e entre as crianças de seis a catorze anos de idade mais de sessenta por cento conhece apenas a língua portuguesa, o que revela o enfraquecimento de importantes línguas angolanas. Embora o novo governo declarasse oficialmente defender o uso das línguas nacionais, acabou optando pela língua do ex-colonizador por contribuir para a unificação. De acordo com Manuel Ferreira, a opção pela língua portuguesa como língua oficial nas ex-colônias portuguesas gerou interrogações:

Alguns se terão interrogado e ainda se interrogarão. Como é que alcançada a independência nacional, numa luta que fundamentava a sua razão de ser na existência de uma cultura nacional, a irreversível necessidade de preservar a identidade cultural, se tome a decisão de privilegiar a língua do colonizador, colocando em segundo plano as suas próprias línguas? (FERREIRA, 1989, p. 323-324)

Para Ferreira, a resposta está no pragmatismo, na possibilidade de comunicação entre as populações bilíngües que teriam em comum a língua portuguesa e na possibilidade de comunicação entre as ex-colônias portuguesas. Além disso, a escolha de uma das línguas colocaria em risco a unidade com a ameaça de uma “guerra lingüística”, ou seja, uma guerra pela escolha e garantia de sobrevivência de uma das línguas em detrimento das outras. (FERREIRA, 1989, p. 324) Diríamos com Hall, que a escolha representou a subordinação das diferenças ao teto político do Estado-nação:

---

<sup>34</sup> <http://movv.org/2008/09/12/da-situacao-da-lingua-portuguesa-em-angola/>

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de ‘teto político’ do Estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. (HALL, 2004, p. 49)

Voltando à citação de Manuel Ferreira, verificamos que a luta pela independência nacional “fundamentava a sua razão de ser na existência de uma cultura nacional, a irreversível necessidade de preservar a identidade cultural” (FERREIRA, 1989, p. 323-324) sugerindo que, mesmo antes da concretização do estado, existia uma cultura nacional que fornecia uma identidade a ser preservada e que, pela sua generalidade, revela mais que um desejo de conciliação de diferenças em unidade, mas a crença na existência de uma cultura acima das diferenças, comum a todos. Ferreira fornece uma pista da origem da Nação angolana:

(Em parêntesis diga-se que a Nação é anterior à data da independência nacional e mesmo à formação dos Movimentos de Libertação. A Nação tem a sua origem nos tempos longínquos. A independência possibilita a instauração do Estado) (FERREIRA, 1989, p. 224)

Ao localizar a origem da Nação nos “tempos longínquos”, Ferreira aponta para os tempos pré-coloniais, como fonte geradora da cultura nacional, ou seja, da unidade que representaria a todos os seus membros. No entendimento de Hall,

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2004, p. 50-51)

A literatura produzida desde o surgimento do nacionalismo angolano encontrava nos mitos do passado remoto os significantes para a identidade nacional. Os produtores de textos desse período confundiam-se com os líderes nacionalistas e traziam para a literatura os ideais

que os envolviam. Provenientes de uma cultura urbana e mestiça, alguns, como Luandino Vieira e Pepetela adotaram nomes africanos, revelando o desejo pela afirmação de uma identidade essencialmente angolana. Luandino é uma homenagem de José Vieira Mateus da Graça à cidade de Luanda e Pepetela, tradução de Pestana, um dos sobrenomes de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, para o Umbundo. O passado anterior à colonização, num tempo mítico de harmonia entre os povos africanos, e a ideologia nacionalista - consequentemente anti-colonialista - eram os pilares da unidade nacional.

Para Ferreira, a “angolanidade”, ou seja, a condição de angolano, tinha como base a expressão de uma cultura específica aliada à ideologia nacionalista, sem a qual Luandino Vieira, que cita como exemplo, não seria considerado um escritor angolano. (FERREIRA, 1989, p. 224) Eliana Reis, referindo-se ao escritor africano de modo geral, confirma:

Na década de 60, esperava-se que o escritor africano fosse anti-colonialista e nacionalista; [...] Na década de 70, a tendência é a busca de uma suposta autenticidade africana e o chamado resgate da verdadeira cultura africana. (REIS, 1999, p. 20)

Além dos valores essencialmente africanos que todos teriam em comum, era de se esperar que o sofrimento infringido pelo colonizador aos africanos que se encontravam dentro dos limites das fronteiras de Angola fornecesse um elemento de identificação e garantisse a lealdade de todos para com a nova nação libertadora.

Nos anos que se seguiram à independência, o tempo colonial, que passou a fazer parte do passado, era rememorado como forma de valorizar a liberdade do presente. Assim, aos heróis do passado remoto vêm se juntar os heróis que possibilitaram concretizar a libertação, prosseguindo com a denúncia das injustiças do sistema colonial. A narrativa da nação, formadora da identidade nacional angolana, não foge à descrição de Hall:

Em primeiro lugar, há a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na classe popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. (HALL, 2004, p. 52)

Rita Chaves confirma a importância da literatura na formação da identidade nacional angolana:

Se saímos do particular e alcançamos o geral, ou seja, o conjunto da literatura de Angola, reconhecemos que a formação da identidade nacional é, na realidade, uma das linhas de força da consecução desse sistema literário. (CHAVES, 2005, p. 86)

Mas a independência não trouxe a harmonia esperada, nem corrigiu as injustiças do sistema colonial. Na verdade, apenas substituiu um sistema de exploração por outro, o que acabou provocando um clima de desalento, principalmente entre os autores que participaram ativamente dos movimentos nacionalistas. Não sendo mais possível responsabilizar o colonizador como antes, a literatura se volta novamente para o passado, desta vez para tentar compreender como se chegou à dura realidade do presente, o que significa reavaliar os próprios passos, como fez Pepetela em *Geração da utopia*.

Autor de uma geração mais recente, Agualusa não precisa rever sua participação neste processo, pois à época da independência tinha apenas 15 anos de idade. A sua visão possui um distanciamento que as gerações anteriores – por conta de seu envolvimento direto com os fatos históricos relacionados à luta anti-colonial – não podem, ou não desejam ter, e talvez por este motivo as suas críticas sejam mais contundentes. Agualusa pode ser inserido dentro daquilo a que Inocência Mata descreve como a atual escrita africana:

Tal como a literatura anti-colonial, na fase de emergência, existência, consolidação e individualização nacional, mobilizou estratégias contra o discurso que considerava a produção literária de África como ‘ultramarina’ – para afirmar a diferença e reivindicar a pátria –, também a actual escrita africana mobiliza estratégias contra-discursivas que visam a deslegitimização dum projecto de nação monocolor pensado sob o signo da ideologia nacionalista. Para reescrever a visão uniformizante de pátria, em que Homem e Natureza se encontravam vinculados à Pátria, como acordes de uma mesma sinfonia, a nova literatura opta por representar a alteridade, celebrando as várias raças do homem;<sup>35</sup>

De fato, Agualusa demonstra ter uma relação com o nacionalismo muito diferente das gerações anteriores:

---

<sup>35</sup> MATA, Inocência “O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa”

Texto apresentado no X Congresso Internacional da ALADAA (Associação Latino- Americana de Estudos de Ásia e África) sobre CULTURA, PODER E TECNOLOGIA: África e Ásia face à Globalização – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro – 26 a 29 de outubro de 2000.

Não simpatizo com a idéia de nações nem com fronteiras. Sou um não-nacionalista. Ou um anacionalista. Acho que o nacionalismo conduz quase Sempre ao ódio ao outro, ao desprezo pelo outro, quando, afinal de contas, o outro somos sempre nós.<sup>36</sup>

O que, para Pepetela, representa o sonho não realizado, que pode e deve ser retomado, para Agualusa parece ser o motivo dos problemas que Angola vive. Como Hall bem lembrou,

As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele ‘tempo perdido’, quando a nação era ‘grande’; são tentadas a restaurar identidades passadas. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da história da cultura nacional. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as ‘pessoas’ para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os ‘outros’ que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente. (HALL, 2004, p. 56)

Em Angola isto se observa, por exemplo, no repúdio aos descendentes de colonos, mesmo que mestiços. Motivo que, no romance *O vendedor de passados*, leva Félix Ventura a afirmar veementemente: “-Não, não! Sou negro. Sou negro puro. Sou um autóctone. Não está a ver que sou negro?...” (AGUALUSA, 2004, p. 18)

Hall lembra ainda que uma cultura nacional é uma estrutura de poder, não representa todas as culturas que a compõem de forma igual. (HALL, 2004, p. 59-60) Em Angola, o grupo que controla o Estado-nação garante a hegemonia da cultura euro-africana, o que contradiz o discurso oficial de afirmação da identidade com base na cultura essencialmente africana. Agualusa aponta essas ambiguidades em diversos momentos de *O vendedor de passados*: a Velha Esperança, por exemplo, voltada para as suas raízes culturais, permanece em posição subalterna na sociedade atual; por outro lado, o Ministro, ao que indica a sua trajetória, demonstra que ser angolano, no sentido de ter um lugar na sociedade, depende muito mais de pertencer ao grupo que se mantém no poder do que possuir uma cultura especificamente africana. Lembramos que, na genealogia que encomendou a Félix, preferiu ser descendente de Salvador Correia de Sá, herói brasileiro, do que de Mutu Ya Kvela, legítimo herói africano. Saindo da ficção para o ficcionista, a estrutura de poder do Estado-nação determina o seu pertencimento, ou não, à nação: como Agualusa não segue o padrão do

---

<sup>36</sup> Entrevista publicada a 13 de agosto de 2007, na série Farpas do Jornal de notícias.  
<http://jnverao.blogs.sapo.pt/12458.html>

que se espera de um escritor angolano, no tocante à ideologia nacionalista, por vezes é acusado de não ser um angolano autêntico.

Na obra de Agualusa, até o momento, pelo menos, ainda não se estabeleceu, entre a maioria de seus leitores, uma diferenciação entre os personagens e o autor ou, dito de outro modo, entre a ficção e a realidade histórica. Nesse caso, é importante ressaltar que o próprio discurso crítico acaba sendo colocado em xeque, pois, diante de uma nova proposta literária, insiste em interpretar essa proposta seguindo parâmetros já consolidados. Nesse sentido, a obra de Agualusa representa um lugar desafiador tanto do ponto de vista da produção artístico-literária, quanto do ponto de vista da recepção crítica.

## 4 CAMINHOS PARALELOS

### 4.1 Processos de fragmentação e de dispersão do sujeito na Angola contemporânea

O mundo africano da atualidade, de modo geral, não escapa às mudanças operadas na modernidade tardia que, segundo Stuart Hall, estão fragmentando as identidades culturais. No desenvolvimento dos argumentos que justificam a sua proposição, Hall retorna ao começo da modernidade onde tem início todo o processo. Citando a afirmação de Giddens: “A modernidade é inerentemente globalizante” (GIDDENS *apud* HALL, 2004, p. 68), Hall estabelece uma ponte útil para a discussão do tema desta seção. De fato, para entender os processos de fragmentação e de dispersão do sujeito na Angola contemporânea, torna-se necessário recuar para o início da Idade Moderna, período específico da História do Ocidente que se destaca dos demais por ser um período de eterna transição.

Podemos dizer que as sociedades africanas foram atingidas pela modernidade, de forma abrupta e traumática, com a chegada do colonizador europeu. A cultura ocidental desembarcou em Angola, acompanhada de um sistema de dominação, provocando uma sequência de mudanças e rupturas nas diversas sociedades locais, que se desdobrariam até a atualidade. Mas a fragmentação do sujeito angolano não se explica apenas pelo fato da colonização ter introduzido em Angola a sociedade moderna, dando início a um diálogo – ainda que autoritário - com as sociedades tradicionais locais, de características bem diversas, como demonstra Giddens:

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. (GIDDENS *apud* HALL, 2004, p. 15)

Devemos ter em mente que não havia uma nação angolana antes da chegada do colonizador, mas várias e diferentes organizações sociais, que não eram na sua totalidade primitivas e puras como comumente se acredita, e que reagiram de diversas formas ao choque com a cultura ocidental. Os Reinos do Congo e de Ngola são exemplos de organização social complexa que já existiam antes da colonização e que confirmam a seguinte proposição de HALL:

as sociedades da periferia têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. A idéia de que esses são lugares ‘fechados’ – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia colonial sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como puros. (HALL, 2004, p. 79-80)

Na medida em que provocou migrações internas, a colonização também promoveu o contato entre as diversas culturas locais, gerando trocas que nem sempre se deram de forma homogênea, nem pacífica, tal como aconteceu nas trocas geradas do encontro entre a cultura do colonizador e as culturas locais. Assim, ser branco ou negro, em Angola, originário desta ou daquela etnia, autóctone ou invasor, cristão ou pagão, rural ou urbano, moderno ou tradicional, são apenas algumas das categorias que se entrecruzam, desde o período colonial, favorecendo a fragmentação do sujeito angolano. De início, a idéia de que os povos africanos eram primitivos fornecia a justificativa para a dominação e para a imposição da cultura ocidental. Mais tarde, as interpretações das teorias de Darwin reforçariam o racismo e a idéia da superioridade cultural européia. Entretanto, as conseqüências dos encontros culturais proporcionados pelo expansionismo europeu não se resumem às marcas negativas da exploração dos povos africanos, como se depreende da afirmação de Edward Said:

Em parte por causa do império, todas as culturas estão interligadas: nenhuma está isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferentes e não monolíticas. (SAID apud REIS, 1999, p. 34)

As palavras de Said parecem endossar os textos de Agualusa. As histórias que nos conta estão repletas de informações que evidenciam não só o caráter híbrido e heterogêneo da cultura angolana, mas também do europeu português, que não ficou imune à cultura das suas colônias. Seu livro reportagem, *Lisboa africana*, nos dá uma idéia de quanto Portugal levou para casa, das culturas africanas. No romance *As mulheres do meu pai*, garotos portugueses, filhos de portugueses, que nunca saíram de Portugal, usam gírias angolanas que incorporaram à sua fala através do contato com angolanos que vivem em Portugal.

Seja visitando o período colonial, como em *Nação Crioula*, concentrando-se nas décadas que antecederam e sucederam à independência de *Estação das chuvas*, ou criticando a sociedade angolana contemporânea de *O vendedor de passados*, o autor desenha os contornos dos processos de fragmentação do sujeito angolano. Processos que se estendem para além do espaço geográfico de Angola, demonstrados através de personagens

diasporizados, como Ana Olímpia de Nação Crioula que, após ter vivido no Brasil por alguns anos, é considerada estrangeira em sua terra natal. O mesmo acontece com Pedro Gouveia de *O vendedor de passados* ou Mandume de As mulheres do meu pai, que também estiveram fora de Angola por vários anos.

Em sua busca pela identidade, o autor encontra e nos apresenta à pluralidade do sujeito angolano. Seus personagens transitam entre diferentes sistemas de representação, possuem identidades flexíveis, desde o período colonial. Em Nação Crioula, por exemplo, Ana Olímpia, filha de um príncipe congolês, nasceu escrava, mas acaba se tornando uma rica senhora de escravos; Fradique encontrou em Benguela um antigo colega da faculdade de Coimbra que “parece ter perdido o interesse por tudo quanto diga respeito ao velho Portugal”. Ao observar a sua integração à cultura local dos Ovimbundo, Fradique conclui que Angola o “colonizou” (AGUALUSA, 2001, p. 28).

Como dissemos anteriormente, a necessidade de assimilar os colonizados para dar sustentação ao sistema colonial produziu uma sociedade mestiça, especialmente nos centros urbanos. São estes sujeitos de cultura híbrida, africanos europeizados e europeus africanizados, que vão importar do mundo ocidental a idéia de nação para adaptá-la ao contexto africano da região de Angola. O discurso que produzem não ignora a diversidade cultural existente, como fazia o colonizador - para quem as culturas africanas eram homogêneas, primitivas e por isso não mereciam maior atenção - mas nega-a no impulso por unidade inerente à idéia de nação.

As guerras que se seguiram à independência, apesar de terem sido alimentadas por objetivos externos, resultam principalmente da reação à tentativa de unificação que anula as diferenças. De fato, as categorias que se entrecruzam provocando divisões e antagonismos no período colonial ainda estão presentes na nação angolana, embora a lógica da estrutura de poder tenha sido alterada. Se, anteriormente, as diversas culturas, entre elas a cultura mestiça gerada no período colonial, encontravam-se subordinadas ao teto político do império, após a descolonização passam a estar subordinadas ao teto político na nação, agora comandada por uma elite de cultura mestiça que assume um discurso essencialista e por isso ambíguo.

Eliana Reis aponta para o surgimento de um novo sujeito cultural africano, formado no “diálogo entre dois eus” e “entre duas temporalidades: o presente africano-ocidental e um passado nativo que ainda se mantém vivo”. (REIS, 1999, p. 34) Este novo sujeito vai ainda ser submetido aos processos de fragmentação das identidades, promovidos pelas mudanças inerentes à intensificação da globalização, como confirma a sua afirmação:

[...] o sujeito africano contemporâneo resulta da articulação e negociação das tradições culturais nativas, da civilização ocidental e, finalmente, da tradição cosmopolita que caracteriza a atual sociedade transnacional. (REIS, 1999, p. 34)

Para Stuart Hall, uma das possíveis consequências da globalização sobre as identidades culturais estaria no declínio das identidades nacionais que seriam substituídas por novas identidades híbridas. (HALL, 2004, p. 69) Hall cita Wallerstein para lembrar que tanto o conceito de nação quanto o de globalização são decorrentes da modernidade, mas possuem tendências conflitantes, já que a nação tende à autonomia e a globalização à diluição de fronteiras. (HALL, 2004, p. 68) Assim, o ritmo crescente do processo de globalização nas últimas décadas seria responsável por um sujeito africano contemporâneo que não se encontra dividido apenas entre o mundo africano e o ocidental, mas é atravessado também pelos efeitos pluralizantes das mudanças operadas na modernidade tardia. Segundo Hall,

parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar identidades centradas e ‘fechadas’ de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. (HALL, 2004, p. 87)

Paralelamente ao macro-processo de globalização que se entende cosmopolita, em Angola, outros fatores vêm colaborando com o deslocamento das identidades: um importante e particular diálogo cultural, travado com a antiga metrópole e as demais colônias portuguesas, que vem ocorrendo desde o início da colonização; a fuga em massa de milhares de portugueses/angolanos e angolanos/portugueses que sentiram suas vidas ameaçadas pela instabilidade que se seguiu à independência, para Portugal principalmente, mas também para outros países da Europa e para o Brasil; e as migrações internas que se intensificaram após a descolonização, por força da miséria provocada pelas guerras civis, trazendo para os centros urbanos populações rurais de origens diferentes, provocando novas negociações culturais.

Este cenário constitui o pano de fundo para a Angola contemporânea que Agualusa recria em *O vendedor de passados*. Como resultado, encontramos sujeitos fragmentados como Félix Ventura, por exemplo. Há nele “vidas a mais”, disse Eulálio, a osga. Sua casa é como “um barco cheio de vozes”, metáfora que sugere, além da pluralidade, o movimento lento, mas constante do “velho navio a vapor cortando a custo a lama pesada de um rio”. (AGUALUSA, 2004, p. 24) Um movimento que se dá a custo, forçando a passagem entre a

pesada lama, sugerindo as dificuldades que se impõem, inutilmente, às mudanças. Tal como são múltiplas as vozes que participam do coro orquestrado por Félix, são múltiplas as interpretações possíveis para seus discursos e os sistemas de representação que criam.

Apesar das particularidades de Angola, os efeitos causados pela globalização podem ser descritos a partir da afirmação de Hall sobre a globalização:

Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de ‘Tradição’, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou ‘puras’; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins, seguindo Homi Bhabha, chama de ‘Tradução’ (HALL, 2004, p. 87)

Enquanto uma parte da população angolana tenta ainda recuperar a essência africana, diríamos, com Hall, que a posição de Agualusa estaria mais próxima da “Tradução”. De fato, as palavras de Eulálio, a osga de *O vendedor de passados*, parecem ecoar por toda a sua obra: “O passado costuma ser estável, está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre.” (AGUALUSA, 2004, p. 59) A idéia de que o hibridismo, a diversidade e a pluralidade são o resultado inevitável de processos históricos e políticos que não podem ser mudados está presente em seus textos, de modo geral. Assim, Ana Olímpia, de *Nação Crioula*, ao ser reclamada pelo irmão do marido, que nunca a alforriara, fugiu para o Brasil com Fradique, onde nasce Sophia, a filha mestiça do casal. O nome da criança parece escolhido para atribuir ao sujeito híbrido o seu significado: sabedoria. Em outras palavras, a sabedoria estaria presente nesse novo sujeito, gerado a partir da negociação de saberes diferentes.

Em *Estação das chuvas* encontramos personagens atravessados por outro tipo de divisões e antagonismos, que não a dualidade africano/europeu, evidenciando a multiplicidade de representações a que o angolano se encontrava sujeito, ainda no período de luta anti-colonial, à época dos movimentos nacionalistas. Para ilustrar, trazemos um episódio em que a personagem Lídia do Carmo Ferreira, uma poetisa angolana, ao ser pressionada por Mário Pinto de Andrade a participar de uma “coletânea de poesia negra de expressão portuguesa”, reage:

- É um equívoco – tentou explicar a Mário de Andrade. – Aquilo que eu escrevo não tem especialmente a ver com o mundo negro. Tem a ver com o meu mundo, que é tanto negro quanto branco. E sobretudo é o meu mundo! Se quiseres incluir trabalhos meus muda o nome da antologia para ‘Caderno

de poetas Negros’, mas ainda assim será um disparate, como fazer um ‘Caderno de poetas Altos’ ou uma ‘Coletânea de Poesia das Mulheres Obesas’...

Mário de Andrade impacientou-se e levantando a voz acusou-a de falta de solidariedade com os seus companheiros e patrícios: ‘e nesta fase da nossa luta, a falta de solidariedade confunde-se com traição’ acrescentou.

Lídia era uma mulher de coração atento e meticoloso. Pesou as palavras antes de responder:

-No fundo, - disse – a verdade é que eu não me identifico com a negritude. Compreendo a negritude, estou solidária com os negros do mundo inteiro e gosto muito dos poemas de Senghor e dos contos de Diop, mas sinto que o nosso universo é outro. Tu, como eu ou o Viriato da Cruz, todos nós pertencemos a uma outra África; àquela mesma África que habita também nas Antilhas, no Brasil, em Cabo Verde ou em São Tomé, uma mistura de África profunda e da velha Europa colonial. Pretender o contrário é uma fraude.

Mário de Andrade olhou para ela, a um só tempo indignado e vitorioso: ‘Isso é Gilberto Freyre!’, garantiu, ‘isso é a maldita mistificação luso-tropicalista!’ Inflamou-se. Tinha-a presa na teia da sua argumentação irrespondível e durante meia hora crucificou-a com palavras duras. (AGUALUSA, 2005, p. 80-81)

Voltando ao sujeito da Angola contemporânea, Agualusa nos mostra, em *O vendedor de passados* e em *As mulheres do meu pai*, angolanos que pertencem no mínimo a dois mundos. Como exemplos, entre vários que o autor nos apresenta, escolhemos José Buchmann de *O vendedor de passados* e Mandume de *As mulheres de meu pai*. José Buchmann é português de nascimento – e branco, o que significa ser representante do invasor europeu – mas identifica-se mais com a cultura angolana do que com a portuguesa e é, onde o chamam de estrangeiro, que se sente em casa. Mandume, ao contrário, de origem angolana - e negro, o que significa ser descendente das populações autóctones – não se sente em casa ao voltar a Angola. As identidades de ambos não foram definidas pela cor ou pela origem, antes resultam de escolhas que fizeram nos caminhos que percorreram individualmente, mas sujeitos ao curso de processos históricos e políticos. Laurentina, ao falar sobre a escolha do amigo Mandume, revela também a sua múltipla identidade, com a qual convive pacificamente:

Há momentos em que me sinto realmente apaixonada por ele. Noutros, porém, quase o odeio. Irrita-me o desprezo que demonstra em relação a África. Mandume decidiu ser português. Está no seu direito. Não creio, porém, que para se ser um bom português tenha de renegar todos os seus ancestrais. Eu sou certamente uma boa portuguesa, mas também me sinto um pouco indiana; finalmente, vim a Angola procurar o que de mim possa haver de africano. (AGUALUSA, 2007, p. 36)

Agualusa, como sujeito da Angola contemporânea, é também um sujeito de dois mundos, no mínimo. Na verdade, a dualidade europeu/africano no jogo de identidades do autor encontra-se superada pela pluralidade, que pode ser observada em trecho de sua entrevista à *Revista Fórum* (RF), em dezembro de 2007:

(RF) - Sua família é portuguesa do lado materno e brasileira do lado paterno. Você nasceu na África, mas não tem ascendência angolana?

(AGUALUSA) - Não. Eu tenho é descendência angolana. Sou um afro-ascendente. Tenho família de muitas cores, graças a Deus. Odeio a uniformidade [Agualusa é casado e tem dois filhos nascidos em Angola]. Vivi toda a minha infância e boa parte da minha adolescência na cidade de Huambo, no planalto central de Angola. Depois fui estudar Agronomia e Silvicultura em Lisboa.<sup>37</sup>

Agualusa celebra o hibridismo, gerador de novos sujeitos igualmente híbridos, mas angolanos, mesmo que em parte. Como sua personagem Laurentina, Agualusa não despreza nenhuma de suas partes, seus “eus”, suas identidades.

#### 4.2 A ironia como força motriz da narrativa

A ironia permeia a obra de Agualusa, exercendo um importante papel nas suas narrativas. A conexão que seus textos apresentam com a realidade, seja nas visitas à história ou mesmo no presente, reflete a necessidade de reavaliá-la de forma crítica. Ao servir-se da ironia para exercer a função crítica e de denúncia da literatura, o autor vai ao encontro do que Laura Cavalcante Padilha afirma, a partir da perspectiva de Inocência Mata no ensaio “A nova escrita africana de língua portuguesa” (1992): “os textos vão buscar na ironia contundente e no procedimento alegórico seus elementos estilísticos por excelência, lançando mão do humor como forma de tornar porosa a dura carapaça da realidade social.” (PADILHA, 2002, p. 54).

A presença da ironia na obra de Agualusa passa ainda pela influência daquele que o próprio autor afirma e reafirma em suas entrevistas ser a sua primeira e maior referência literária: Eça de Queiroz, autor português do século XIX, conhecido por sua habilidade em utilizar a ironia em função da crítica social. Eça tem em comum com Agualusa, além da ironia crítica, a relação com o Brasil, pois o pai era brasileiro e foi criado entre pernambucanos, embora em Portugal. Em *Nação Crioula*, Eça, além de modelo, pretende ser uma homenagem, segundo o próprio autor. Fradique Mendes, personagem que Agualusa toma

<sup>37</sup> [http://www.revistaforum.com.br/sitefinal/EdicaoNoticiaIntegra.asp?id\\_artigo=1568](http://www.revistaforum.com.br/sitefinal/EdicaoNoticiaIntegra.asp?id_artigo=1568)

emprestado de Eça, não poderia deixar de ser extremamente irônico, ou perderia a sua identidade.

Como sujeito cosmopolita, muito à frente dos homens de seu tempo, Fradique relata em cartas que escreve à madrinha e ao próprio Eça, suas impressões e experiências vividas em Angola. A nacionalidade portuguesa do personagem não impede a dura crítica ao sistema colonial português, que somente a ironia poderia permitir e, ao mesmo tempo, enriquecer. Seleccionamos alguns trechos de uma carta de Fradique a Eça, que demonstram como a ironia abre possibilidades na ficção para a crítica contundente, produzindo a reavaliação de realidades históricas:

Receio, meu bom amigo, não ser do interesse de Portugal que o mundo conheça a presente situação das nossas colônias. Nós, Portugueses, estamos em África por esquecimento: esquecimento do nosso governo e esquecimento dos governos das grandes potências. Qualquer ruído, mesmo o pequeno rumor de um pequeno artigo na Revista de Portugal, e correremos o risco de que a Inglaterra descubra que no território português da Zambézia não há portugueses – e lá ficaremos nós sem a Zambézia!

[...]

O que é que nós colonizamos? O Brasil, dir-me-ás tu. Nem isso. Colonizamos o Brasil com os escravos que fomos buscar a África, fizemos filhos com eles, e depois o Brasil colonizou-se a si próprio. Ao longo de quatro demorados séculos construímos um império, vastíssimo, é certo, mas infelizmente imaginário.

[...]

Para construir uma África portuguesa seria necessário que Portugal se fizesse africano. Atrever-me-ia a sugerir, como primeira e urgente medida, que se mudasse para Luanda a capital do Reino, o Rei e a Corte, a Câmara dos Deputados, todos os Ministérios e, naturalmente, os pastéis de Belém. Numa segunda fase seria necessário mudar também os portugueses, inclusive os virtuosos e os trabalhadores, transferindo para Portugal os criminosos a cumprir pena de degredo em Angola e Moçambique.

[...]

Os nossos políticos gostam de dizer que estamos em África para civilizar os selvagens e propagar a mensagem de Cristo – tretas! Foi o impulso biológico da propagação da raça que empurrou as caravelas portuguesas. Estamos em África, na América e no Oriente pelo mesmo motivo por que os fungos se alastram e os coelhos copulam – porque no íntimo sabemos (o nosso sangue sabe-o) que colonizar é sobreviver! A fúria que animou o Gengiscão na sua prodigiosa cavalgada através da Mongólia, da Coreia e dos Urais, é a mesma que explica hoje a disseminação do bacilo de Koch. Todo o ser vivo é imperialista. Viver é colonizar.

Desgraçadamente Portugal espalha-se, não coloniza. Somos assim, enquanto nação, uma forma de vida mais rudimentar que o Bacilo de Koch. Pior: uma estranha perversão faz com que os portugueses onde quer que cheguem, e temos chegado bastante longe, não só esqueçam a sua missão civilizadora, isto é, colonizadora, mas depressa se deixem eles próprios colonizar, isto é, descivilizar, pelos povos locais. (AGUALUSA, 2001, p. 131-134)

O expansionismo, que durante séculos foi motivo de orgulho para Portugal, representando sua superioridade e grandeza, é desmascarado pelo autor através de um discurso irônico que o compara ao comportamento de fungos e bactérias.

Linda Hutcheon, em *Teoria e política da ironia* (2000), destaca-se por suas posições inovadoras sobre o tema. Para a autora, tratando-se de um processo comunicativo, a ironia vai muito além de um tropo, uma simples figura de linguagem no estudo da retórica. Hutcheon enfatiza a circunlocução desempenhada pela ironia e o papel do interpretante, isto é, daquele que atribui a ironia ao texto ou à situação elocutiva:

Os principais participantes do jogo da ironia são, é verdade, o interpretador e o ironista. O interpretador pode ser - ou não - o destinatário visado na elocução do ironista, mas ele ou ela (por definição) é aquele que atribui a ironia e então a interpreta: em outras palavras, aquele que decide se a elocução é irônica (ou não) e, então, qual sentido irônico particular ela pode ter. Esse processo ocorre à revelia das intenções do ironista (e me faz me perguntar quem deveria ser designado como o “ironista”). (HUTCHEON, 2000, p. 28).

Segundo Hutcheon, a ironia possui “arestas cortantes”, espécie de “ferrão” que atinge o que poderia ser chamado de “vítima”. Nos trechos acima selecionados, da carta de Fradique a Eça, a vítima é o sistema colonial português. Mas as vítimas vão se revezar no decorrer da obra de Agualusa. Em *Estação das chuvas*, obra em que se verifica um intenso trabalho de pesquisa sobre os acontecimentos históricos e políticos desde o início dos movimentos nacionalistas à libertação de Angola, as arestas da ironia cortam tanto o colonialismo quanto as ambiguidades do discurso revolucionário.

Dos romances de Agualusa até o momento, *Estação das chuvas* é o mais sombrio. Nem a ironia parece capaz de suavizar a dura realidade que atravessa a obra, ao contrário, parece torná-la mais aguda. Os exemplos são muitos, mas complexos e longos. Assim, selecionamos apenas alguns, que não são os mais expressivos e ricos do romance, mas que permitem perceber de forma clara o papel da ironia a serviço da denúncia e da crítica. O autor, através da protagonista do romance, a poetisa Lúcia do Carmo Ferreira, descreve a alienação do ambiente acadêmico de Luanda em 1973, época em que os movimentos nacionalistas se encontravam em plena atividade:

Os estudantes universitários em Luanda eram quase todos brancos, filhos de portugueses, e viviam num estranho mundo politicamente asséptico, onde não chegavam as graves inquietações do presente. Naquele universo de

festas, boîtes, praias, música americana, coca-cola, copos, charros<sup>38</sup>, motas<sup>39</sup> e concursos de misses, África era apenas um rumor longínquo. Uma paisagem com imbondeiros e acácias rubras, capim alto e negras de seios nus. (AGUALUSA, 2005, p. 123)

Noutro momento, a personagem Lídia, envolvida com os ideais de libertação de Angola e muito próxima ao MPLA, serve-se da ironia para revelar a degradação do movimento revolucionário:

(Narrador/entrevistador) - Em 1961 você foi trabalhar para a Guiné-Konacry, no Instituto Nacional de pesquisa, onde já estava o Mário Pinto de Andrade. Chegou a assumir funções na direção do MPLA?

Lídia – Não. Participei em muitas reuniões, mas nunca aceitei representar o MPLA em encontros com estrangeiros. O Mário aborrecia-se comigo, repetia que eu tinha que fazer a minha opção de classe e comprometer-me totalmente com a luta do povo. Eu ria-me. O meu avô, embora fosse anarco-sindicalista e romântico por natureza, ensinou-me a ser cética. Sobretudo, ensinou-me a desconfiar dos iluminados, daqueles que conhecem os destinos do mundo. Dizia-me: “As asas acontecem tanto aos anjos, quanto aos demônios, quanto às galinhas. Por precaução, o melhor é tratar a todos como se fossem galinhas”.

(Narrador/entrevistador) – Naquele tempo eram mais os anjos ou os demônios?

Lídia – Naquele tempo éramos ainda uma meia dúzia de intelectuais sem malícia, gente de uma moral revolucionária a toda a prova. Isso era o MPLA. Lembro que uma vez Viriato da Cruz foi à China em busca de apoios e regressou com os bolsos carregados de notas de vinte dólares. O dinheiro era distribuído com rigor pelas diversas comissões e nunca houve a essa respeito o mínimo problema. Os problemas começaram mais tarde quando o movimento se expandiu. Então alguns dos que eram anjos transformaram-se em demônios. E outros em galinha. (AGUALUSA, 2005, p. 107-108)

Prosseguindo a entrevista, Lídia é questionada sobre um episódio da história de Angola, conhecido como “15 de março de 1961”, que representaria o início da luta armada contra o regime colonial. Perguntada como o MPLA tinha reagido ao fato da UPA ter iniciado a luta armada, responde revelando a violência dos ataques e, sobretudo, da reação dos portugueses. Ironicamente, insinua a forma tendenciosa como um jornal da época dera a notícia:

Lídia – Bom, em primeiro lugar não estou tão certa de que tenha sido a UPA. Foi sim uma revolta camponesa, instigada pela UPA, mas que terá escapado ao controlo dos seus dirigentes. A resposta dos portugueses foi terrível. Há poucos dias li um artigo num jornal dessa época. Contava que alguns

<sup>38</sup> nome dado a cigarros de maconha.

<sup>39</sup> Motocicletas.

fazendeiros brancos, “compreensivelmente desesperados pela perda de todos os seus bens e a morte dos seus entes queridos” – estou a citar o jornal – se entregaram durante semanas a jogos de morte. O mais popular era o Jogo da Bicha: punham vários prisioneiros em fila indiana, encostavam o cano da arma no peito do primeiro e disparavam um único tiro, ganhando aquele que dessa forma conseguisse trespassar o maior número deles. Mas enfim, qual era a pergunta?

- Eu queria saber como é que o MPLA reagiu ao 15 de março.

Lídia – Com perplexidade, claro. A UPA era um movimento de direita, Holden um fantoche do imperialismo internacional (era assim que se dizia), mas era a UPA que tinha o apoio dos camponeses e isto era intolerável. E o que é pior, não podia ser dito. (AGUALUSA, 2005, p. 108)

Em passagem anterior, um adolescente impede que passarinhos, apanhados em armadilha por outros rapazes, sejam comidos ou simplesmente mortos. Ironicamente, o menino libertador vai se tornar um cruel torturador. A visão ingênua do exterior sobre os acontecimentos durante as guerras complementa a irônica crítica:

- Matar passarinho é crime – disse. – Melhor que os soltem logo.

Chamava-se Rui Tavares Marques e tinha chegado havia pouco do Huambo. Era um miúdo expansivo, que divertia toda a gente imitando a voz dos professores. Mais tarde voltarei a falar nele, pois foi o homem que julgou os mercenários, em 1976, e depois participou nos interrogatórios aos fraccionistas. Os que sobreviveram dizem que foi o pior de todos: “era maquiavélico.” Outros adjetivos: odioso, hipócrita, repugnante, paranóico. Obtinha confissões sob tortura. Diz-se que, num ataque de fúria, enfiou a mão pela boca de uma prisioneira e lhe arrancou a língua. Todavia, tem até hoje muitos amigos: “é simplesmente encantador”, garantiu-me uma escritora portuguesa, “uma pessoa culta, divertida, inteligente. Excelente cozinheiro e poeta de grandes recursos”. Outros adjetivos: brilhante, amável, delicado, acolhedor. Disse-lhe que uma vez ele tinha arrancado a língua a uma mulher amarrada. A portuguesa levou as mãos aos lábios:

- Que horror! Isso não é verdade...

Não é verdade? Está bem. Voltemos aos pássaros.

(AGUALUSA, 2005, p. 57-58)

Em *O vendedor de passados* a ironia exerce o seu papel de circunlocução, a que se refere Linda Hutcheon, insinuando e apontando, mas deixando as conclusões a cargo do interpretador. Uma osga narradora serve de índice para colocar o romance no plano da ficção, de modo que a ligação com a realidade seja interpretada através das irônicas insinuações. Na ficção, ao saber que o presidente foi substituído por um duplo, Félix, às gargalhadas, faz um comentário irônico que estabelece uma ponte com a sociedade angolana da realidade:

- Temos então um presidente de fantasia – disse, enxugando as lágrimas (de riso) com um lenço. – Isso eu já suspeitava. Temos um governo de fantasia. Um sistema judicial de fantasia. Temos, em resumo, um país de fantasia. Mas conte-me – quem substituiu o presidente? (AGUALUSA, 2004, p. 160)

A sociedade da ficção é construída através de um processo caricatural da sociedade verdadeira, isto é, acentuando seus traços mais marcantes, de forma a produzir o humor. O processo atende também à definição de paródia de Tunianov que Affonso Romano Sant’anna menciona em *Paródia, paráfrase & Cia*, na medida em que transforma a tragédia da realidade social em Angola, numa comédia:

Na paródia, os dois planos devem ser necessariamente discordantes, deslocados: a paródia de uma tragédia será uma comédia (não importa se exagerando o trágico, ou substituindo cada um de seus elementos pelo cômico) (TUNIANOV *apud* SANT’ANNA, 2003, p. 14)

Em *As mulheres do meu pai*, o fio condutor do romance é extremamente irônico. Laurentina, ao saber que foi adotada em Moçambique por aqueles que julgava serem seus verdadeiros pais, resolve ir a Angola em busca de suas origens, mais precisamente do pai, um conhecido músico angolano. O final, revelado logo no início do livro, aponta para a indefinição da paternidade. Na verdade, depois de viajar por várias cidades de Angola, África do Sul e Moçambique, conhecendo as diversas mulheres e os numerosos filhos que o suposto pai deixou, descobre que ele era estéril. Afinal, aquela que lhe foi revelada como a sua verdadeira origem é falsa e a anterior, que julgou falsa era a verdadeira. O enredo sugere a desconstrução dos mitos fundadores e, nesse sentido de corrosão de um modelo, aproxima-se também da paródia, que segundo Sant’anna “é um efeito de deslocamento” (SANT’ANNA, 2003, p. 28). De acordo com o autor, “na paródia a máscara denuncia a duplicidade, a ambiguidade e a contradição” (SANT’ANNA, 2003, p. 29).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não poderíamos terminar este trabalho sem falar de algumas características que percebemos marcar os textos de Agualusa, além, é claro, das que já foram trabalhadas nas seções anteriores.

Agualusa dedica um cuidado especial à escolha dos nomes de seus personagens, seus significados e a idéia que transmitem. Em *Um estranho em Goa*, por exemplo, segundo o próprio autor, o personagem principal, chamado Plácido Domingos, nasceu numa crônica. O autor justifica a escolha do nome: “Porque eu acho que um homem chamado Plácido Domingos tem que ter um outro destino. Há nomes que têm um destino.”<sup>40</sup> E assim, o autor cria para o homônimo do célebre cantor lírico um destino à sua altura: um antigo militar português que abandonou o exército para aderir à luta pela libertação de Angola.

Os exemplos são muitos e espalham-se por toda a sua obra, mas fiquemos com alguns de *O vendedor de passados*: Angela Lúcia que fotografa a luz; Velha Esperança (representando a cultura das populações autóctones) é a última a morrer, como no ditado popular; Barata dos Reis (o torturador) parece adequado para um parasita dos poderosos políticos angolanos; e Félix Ventura, aquele que tem um destino feliz, apesar do contexto sócio-político retratado.

Outra característica que nos chama a atenção é a forma como recupera elementos de textos anteriores em novas histórias, como janelas que se abrem para novas exposições. São personagens como o já citado Plácido Domingos, recuperado de uma crônica porque o nome merecia um destino maior, ou até mesmo idéias que pairam sobre várias histórias. Podemos exemplificar com “pecado é não amar”, pensamento que atravessa a existência anterior da osga de *O vendedor de passados* e ressurgem em *As mulheres do meu pai*, numa homenagem fúnebre a Faustino Manso, o pai estéril de Laurentina.

Albinos, anões, são alguns dos personagens recorrentes nas histórias do autor, representando minorias, diferentes que se fazem presentes em diversos textos.

Lembramos ainda a reflexão da osga de *O vendedor de passados* sobre o tema da memória: “A memória é uma paisagem contemplada de um comboio em movimento.” (AGUALUSA, 2004, p. 153) Esta idéia será recuperada no romance *As mulheres do meu pai*, materializando-se através da viagem que o autor e a cineasta Karen Boswall fazem, de trem, captando, na paisagem que observam, os elementos para (re)construir as memórias de

---

<sup>40</sup> AGUALUSA, José Eduardo. Os bons livros são uma mentira. Entrevista concedida a Paulo Polzonoff Júnior (Rio de Janeiro, set. 2004). In: *Rascunho*, Curitiba, ano 5, n. 53, p. 21.

Faustino Manso. Na viagem, o autor se imagina do outro lado, do lado que está sendo observado, o lugar estático que é visto do trem em movimento:

Um caminho estreito, em terra batida, corria paralelo aos carris do comboio. Depois curvava à direita e ia dar a uma casa em madeira. Não reparei imediatamente na casa porque tinha a mesma cor da terra. Um vermelho convulso. Largas janelas abertas. A luz, numa rajada, iluminou um rapaz negro, alto e anguloso, dentro da casa, sentado num sofá. Acenei para ele e o rapaz retribuiu o aceno. Pensei, como penso sempre quando encontro um lugar assim: “Eis uma casa onde seria bom viver.” Depois imaginei-me a viver dentro da casa, um dia, um mês inteiro, a ver passar os comboios, a contar os comboios, a acenar para os passageiros distraídos no vagão restaurante, e saí porta fora, horrorizado. Sim, gosto dos lugares onde não se passa nada, mas gosto deles apenas enquanto passo. (AGUALUSA, 2007, p. 253)

O trecho acima, além de revelar como é apavorante para quem está acostumado ao movimento, a idéia de permanecer estático, revela ainda como a visão sobre os fatos muda de acordo com a posição do observador. A mesma idéia pode ser encontrada em *Nação Crioula*, quando Fradique constata que no Brasil, ao contrário de Angola, o sol não se põe no mar e sim na terra, provocando um espetáculo bem diferente do que assistira em Angola:

O crepúsculo surpreendeu-me enquanto preparava esta carta, sentado a uma mesa de pedra, nos jardins de um belíssimo palacete colonial (propriedade de Arcênio de Carpo) onde nos encontramos instalados. As tardes aqui morrem bruscamente, violentamente, num largo incêndio que depressa se desfaz em cinza e em melancolia. Mas, ao contrário do que acontece na África Ocidental, ao contrário daquilo que eu sempre espero que aconteça, o sol não mergulha no mar – a água escurece, torna-se quase negra, a noite parece emergir do chão. (AGUALUSA, 2001, p. 67)

A questão dos limites entre verdade/mentira, que marcou *O vendedor de passados*, também retorna em *As mulheres do meu pai*. A mãe de Laurentina revela em seu leito de morte, o segredo que guardou durante toda a existência da filha: ela era filha adotiva. Aquele que durante toda a sua vida acreditara ser seu verdadeiro pai, pergunta-lhe:

- De quantas verdades se faz uma mentira?  
Fica calado um momento, o olhar perdido em algum ponto atrás de mim, depois acrescenta com ênfase:  
- Muitas, Laurentina, muitas! Uma mentira, para que funcione, há-de ser composta por muitas verdades.  
Olhos brilhantes, húmidos. Sorri tristemente:

- Era uma boa mentira, a nossa, uma mentira composta por muitas verdades, e todas elas felizes. Por exemplo, o amor que Dorotéia tinha por ti era realmente um amor de mãe. Tu sabes disso não sabes?  
(AGUALUSA, 2007, p. 24)

Podemos falar ainda dos personagens errantes que atravessam a obra do autor em grande número. Como exemplos, destacamos Fradique Mendes de *Nação Crioula*, Mandume de *As mulheres do meu pai* e José Buchmann de *O vendedor de passados*, dos quais escolhemos pequenos trechos que definem em poucas palavras suas identidades flexíveis, evidenciando o que têm em comum:

Fradique de *Nação Crioula*:

Fui nômada a vida inteira. Atravessei metade do mundo, desde Chicago até à Palestina, desde a Islândia até o Sahara e nunca soube que nome dar a essa errância aflita. Hoje sei que estava à tua procura. Sei que és o meu destino, a minha pátria, a minha igreja. (AGUALUSA, 2001, p. 44)

Mandume de *As Mulheres do meu pai*:

Raízes? Raízes têm as plantas e é por isso que não se podem mover. Eu não tenho raízes. Sou um homem livre. Era inteiramente livre até conhecer Laurentina. Digo-lhe:  
- Tu és a minha pátria, o meu passado, todo o meu futuro... (AGUALUSA, 2007, p. 41)

José Buchmann de *O vendedor de passados*:

- Um dia alguém me disse – não passas de um aventureiro. Disse-me isto com desdém, como se me cuspiasse. E no entanto, creio que acertou. Eu procuro a aventura, ou seja, o imprevisto, tudo o que me afaste do tédio, como os outros procuram o álcool ou o jogo. É um vício. (AGUALUSA, 2004, p. 145)

Estes personagens nos levam a refletir nos riscos que representam para o sujeito cultural a ausência de identidades fixas e a eterna celebração das diferenças. A errância de Fradique é “aflita” e a de José Buchmann, “um vício”. Ambos parecem presos em sua liberdade. Fradique e Mandume transferem para a mulher todas as identificações de que precisam. Lembramos o que Hall diz, ao falar sobre diáspora e hibridismo:

Algumas pessoas argumentam que o “hibridismo” e o sincretismo – a fusão entre diferentes culturais- são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que as velhas e contestadas identidades do passado. Outras, entretanto, argumentam que o hibridismo, com a indeterminação, a “dupla consciência” e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos. (HALL, 2004, p. 91)

A leitura da obra de Agualusa nos fornece elementos que nos levam a pensar que as duas opções são pertinentes. Entendemos que o hibridismo e o sincretismo representam uma poderosa fonte criativa, mas os riscos desse sujeito excessivamente fragmentado ficar disperso, sem se sentir em casa em lugar nenhum, também são grandes. Depois de se debruçar sobre o passado, de expor o presente, Agualusa caminha agora para o futuro com uma distopia, seu novo livro *Barroco Tropical*. Nesse novo romance, uma mulher é presidente de Angola. O petróleo, atual fonte de sustentação do aparelho de estado, acabou e a realidade que se vislumbra é assustadora, reflexo das atitudes do presente, ou da falta delas. Parece um fato recorrente – e, talvez por isso, digno de investigação mais detalhada, em outra oportunidade – que em sociedades onde há restrição das liberdades, a ficção assuma o papel crítico e de denúncia que caberia ao jornalismo. Esperar o tempo que a História precisa para exercer essa função significa não participar, não ser agente das mudanças necessárias.

## REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. *A Conjura*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho, 1989.
- \_\_\_\_\_. *As Mulheres do Meu Pai*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Estação das Chuvas*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio*. Lisboa, Portugal: Publicações D. Quixote, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Um Estranho em Goa*. Lisboa, Portugal: Edições Cotovia, 2000.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. SP: Editora Schwarcz, 2008.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales –1929-1989: a revolução francesa da historiografia*. Trad. Nilo Odalia. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- CANDIDO, Antonio. “Literatura de dois gumes”. In *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; VECCHIA, Rejane (org.) *A kinda e a missanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. SP: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007.
- CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: Experiência colonial e territórios literários*. SP: Ateliê Editorial, 2005
- FERREIRA, Manuel. *O discurso no percurso africano I*. Lisboa, Portugal: Plátano Editora, 1989.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Cadernos Cespuc de Pesquisa, Série Ensaio, nº 11. MG: Editora PUC MINAS.

- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz T. Silva e Guacira L. Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Identidades e mediações culturais**. Org. liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende...(et al). BH: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- HOBBSBAWN, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Paz e Terra, 1997.
- HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003
- MATA, Inocência. *Laços de Memória & Outros ensaios Sobre Literatura Angolana*. Luanda, Angola: união dos Escritores Angolanos, 2006.
- MOURÃO, Fernando A. Albuquerque. *A Sociedade angolana através da Literatura*, SP: Editora Ática, 1978.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, Outras Ficções*: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PEPETELA. *Predadores*. Lisboa, Portugal: Publicações D. Quixote, 2005.
- POLLACK, Michael. *Memória e identidade social*. In: Estudos Históricos, volume 5, nº 10. Rio de Janeiro, 1992.
- REIS, Eliana Lourenço de Lima. *Pós-Colonialismo, identidade e mestiçagem cultural*: A literatura de Wole Soyinka. RJ: Relume Dumará, 1999.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia e paráfrase & Cia*. SP: Editora Ática, 2003.
- SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança*: a África antes dos portugueses. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EdUSP, 1992.

TAYLOR, Charles. *Multiculturalisme Différence et démocratie*. Paris: Flammarion, 1994.

VENÂNCIO, José Carlos, *Literatura e Poder na África Lusófona*. Lisboa, ICALP, 1992.